

Géraldine Correia

**AAYA
HUAS
CA O
CAMI
NHODA
ALMA**

The background is a vibrant red with several large, expressive brushstrokes in shades of green and yellow. These strokes are layered and overlap, creating a sense of movement and depth. Interspersed among the brushstrokes are several stylized green leaves of various shapes and sizes, some pointing upwards and others downwards, adding a natural, organic feel to the composition. The text is rendered in a bold, sans-serif font, with the first two lines in yellow and the remaining four lines in black. The overall aesthetic is modern and artistic.

AYAHUASCA – o caminho da alma

Géraldine Correia

Ayahuasca – O Caminho da Alma

Géraldine Correia

Outros livros da autora:

Buda CEO: Práticas de Meditação para Empresas de Sucesso

Aprendizes de Xamã – Um jaguar debaixo da pele

contacto: **sankanusna@gmail.com**

A capa foi feita por Cecília Silveira – www.ceciliasilveira.com

Hábil mistura entre ficção e pesquisa, este livro contém uma estrutura dupla em cada capítulo. Primeiro uma abordagem técnica ou histórica; a seguir o relato, pelos olhos e testemunhos de vários participantes nos retiros de Ayahuasca ou cerimónias no Santo Daime, dos procedimentos rituais e efeitos pessoais da bebida em cada participante, para que o leitor encontre uma abordagem diversificada e holística daquilo que é um trabalho com plantas mestres.

As pessoas que aparecem apenas com o nome é porque quiseram manter o anonimato.

Os mestres entrevistados deram todos o seu acordo para usar as citações.

Sumário

Introdução

I – O que é Ayahuasca?

Experiência: Cerimónia I, Pucallpa Trujillo e Cláudia

II – Ícaros e xamãs ayahuasqueros

Experiência: Cerimónia 2, Lisboa, Pucallpa Anabela

III – Hinários: Brasil e Santo Daime

Experiência: Cerimónia 3, Da selva para o Santo Daime Filomena

IV – O mundo dos espíritos

Experiência: Cerimónia 4, Pucallpa Pedro

V – Visões extraterrestres e cosmologia indígena

Experiência: Cerimónia 5, Pucallpa Miguel

VI – A cura

Experiência: Diário de viagem de Rui Bizarro, Julho de 2007

VII – Integração: o desafio

Experiência: Carina Gago, Pucallpa

Conclusão

Bibliografia

Introdução

We are invited guests on this planet.
We are given the opportunity to live as totally as possible.
And since we must be, why not be all that we are able to be.

Veeresh, Humaniversity

Não tenho por hábito falar de mim, nem na primeira pessoa, nos meus livros. Mas a viagem da alma é tão pessoal que preciso de enquadrar este documentário sobre Ayahuasca no meu próprio quadro de vida. O leitor mais apressado ou menos interessado no contexto íntimo da autora pode passar directamente para o primeiro capítulo. A Madrecita, como lhe chamam na selva, não é para todos. Chama apenas algumas pessoas para o seu trabalho. E antes de começar a falar nela, precisei de justificar para mim própria o percurso que me levou até ela.

A verdade é que não sou aquilo que possuo, os meus bens, os meus filhos, os meus parceiros, mas apenas aquilo que vivo – foi o que pensei ao investir os lucros do meu último romance numa viagem que prometia desconforto espiritual e físico. Estava prestes a iniciar um percurso para rever fragmentos da minha vida por integrar, recuperar pedaços da minha alma extraviados ao longo do tempo, âncoras para tempos de tempestade vindouros. Próxima dos 40 anos, mais do que fazer um balanço, precisava de fazer uma revolução.

A questão era: como cheguei aqui, como passei de um ponto de conforto a este momento de solidão, revolta, sensação de injustiça e transformação da rotina diária numa luta impiedosa? De um ponto de expectativa romântica pura, da imaturidade de quem sabe tudo aos 28 anos, para a inquietude dos 36, para o mundo real das traições, de sonhos gorados e desilusões sucessivas com as pessoas, os lugares e as profissões?

Era esse o percurso que queria ver à lupa com a ajuda da Ayahuasca. Para voltar a valorizar a pouca inocência ainda presente na minha vida, os meus diamantes, antes que fossem arrastados por uma tempestade. Reconstruir um coração de ouro. Ou será que o segredo era não ter expectativas? Será que os momentos intensos teriam tido a mesma intensidade se não tivesse havido a esperança de um amanhã? Qual seria o segredo do aqui e agora, de uma relação sem passado e sem futuro? O passado era ao mesmo tempo o que mantinha a sua identidade, o saber que tinha passado ao longo dos seis anos e pouco em que tive cinco filhos, escrevi dois romances, participei em duas obras de gestão, mantendo uma carreira ininterrupta de jornalista de negócios, com uma disciplina de vida exemplar no exercício físico, alimentação biológica e refeições caseiras preparadas por mim enquanto os meus filhos mais velhos faziam os deveres na mesa da cozinha. Uma vida em que há que escolher entre tomar banho e chegar a horas, dar banho ao bebé ou ajudar nos trabalhos de casa de outro, tratar de um filho doente e deixar o bebé comer sozinho o melhor possível, com gestos descoordenados. A fome vence a necessidade de perícia, e a minha casa é uma casa alegre. Apanho a fralda que a mais nova tirou sozinha, antes de me ir pintar para passar uma noite na discoteca. A dormir não se conquista a felicidade. A felicidade conquista-se a viver.

Mudar de hábitos e rotinas, recusar-me a desistir de mim no meio do caos, por saber que era o porto seguro das pessoas mais importantes para mim no mundo, os meus filhos, a minha descendência, essas pessoas por quem tenho real interesse e cujas vidas quero acompanhar, enfim, sair da minha zona de conforto e fugir do tédio, permitiu-me descobrir um novo mundo, com pessoas invulgares, fora dos meus padrões, que julgava dos mais abrangentes.

Depois de nascer o meu quinto bebé, os sinais de fumo eram mais do que evidentes, quase labaredas que ameaçavam incendiar e destruir a minha identidade. Na terceira gravidez, já se tinham feito sentir sinais de incêndio, quando descobrira, pouco depois dos 30, que a vida não me estava exactamente a dar o que previra, apesar dos meus esforços.

Mas “Se pasa la vida y no viviste”, como diz uma amiga minha espanhola. E depois desse terceiro bebé, mais um, sempre adorável, e quando

este ia para a escola, finalmente, aos 3 anos, o deslize romântico de um dia, o desejo de um bebé e medo da minha vida depois do quarto filho deixar o ninho, trouxeram-me a quinta gravidez. Se as outras tinham sido concepções em datas duvidosas, a gravidez da minha filha bateu os recordes e surgiu durante o período menstrual. Outros pormenores irão sendo desvendados ao longo deste livro de viagens, viagens da alma, mas importa dizer que a rotina saudável de passeio e trabalho com o bebé em casa tinha perdido, com os anos, o seu encanto. A culpabilidade e impotência face a esse sentimento era dura. Este quinto bebé merecia tanto como os outros.

A situação do casal, onde me incluía, não era das mais românticas. A conjuntura económica da casa dos sete era um resvalar acelerado para um precipício sem fim. Julgava poder gozar finalmente uma licença de parto com o meu anjo cor de rosa, quando o desemprego súbito do meu companheiro e a premência financeira, as necessidades de sobrevivência, sobrepuseram-se mais uma vez ao meu conforto e felicidade.

Sem conseguir adiar mais as expectativas românticas que mantenho sobre a vida, com um optimismo que me servira até agora para ultrapassar os momentos mais difíceis, decidi pôr a minha filha de um ano e meio numa escola especial, que descobri ao fazer uma reportagem, uma escola Waldorf onde teria todo o colo necessário.

Estava confusa, o meu casamento era uma incerteza para mim, e tínhamos estado separados. Não estava segura do rumo da reconciliação, não sabia se uma crise iria apagar o incêndio que sentia crescer. A minha avó morreu por esta altura. Terminei o meu segundo romance, a lançar no Verão seguinte. Continuei a dar de mamar à Marie até aos seus dois anos e meio.

Na escola Waldorf, um folheto chamou a minha atenção. Uma empresa, Injoy, organizava um seminário de Voicing. Aqui estava algo que deveria interessar a executivos – era ainda jornalista de negócios, recorda? Telefonei, e um dos sócios explicou que mais do que entrevistar a professora de Voicing, deveria investigar o que a Injoy oferecia. Meditações Activas. Osho. Trance Dance. Um mundo desconhecido para mim. Fui assistir a uma sessão: 12 estágios de meditação activa.

Meditação. Parecia-me bem. Seguia o método de Deepak Chopra

há uns meses, de manhã à noite, e o meu coração andava confuso.

Chego à sala do evento em Alvalade e vejo pessoas com garrafas de água e roupa desportiva. Nada a ver com meditação passiva ou zazen. Assim que a música começou a tocar, todos começaram a agitar-se freneticamente. Ia com uma amiga e entrámos rapidamente na lógica infernal da polaridade dos opostos. Daqui para o trance dance, para fins de semana alucinantes, workshops, detoxs, hatha yoga, Boom Festival, os meses sucederam-se num rodopio. Convidei o inesperado para a minha vida e ele apareceu à velocidade da luz. Críticas, incompreensão por este novo despertar espiritual, nova separação – porque não me julgava capaz de enfrentar os ventos de tempestade interior com um companheiro ao meu lado. De novo, as coisas correram bastante mal, mas voltei ao meu casamento. Até quando? Este problema resolvido significaria o fim da minha inquietação interior? Ou convinha preparar-me para a tempestade dos 40? Ficámos juntos até à separação definitiva, no Verão de 2007.

Nesta altura já escrevia textos para o site da Injoy. Faltava aqui um elo de ligação, algum sentido ou a demonstração da sua ausência total, um varrer de quadros de referencia há muito obsoletos, para preparar uma nova gravidez... Uma gravidez de mim própria, para dar à luz alguém que fosse um misto de criança feliz e poderosa com uma adulta confusa mas não totalmente perdida. Decerto teria de deitar tudo fora? Não sei, mas quando Kalid, o fundador da Injoy, me falou de uma viagem à Amazónia, em que faríamos uma dieta com plantas, não consegui pensar noutra coisa. A viagem à Amazónia ficou no topo das minhas prioridades. Escrevi-o em todo o lado, visualizei a selva todas as noites, enquanto uma voz estranha, alienígena, sussurrava por vezes entre dois sonhos, como um sopro, a meio da noite: *Ayahuasca....*

Decidi viajar só para abrir-me ao mundo. E aqui estou, no meio da selva, a escrever à luz da vela, a tentar sossegar porque amanhã espera-nos mais uma cerimónia, mais um mergulho no Ser. Foi tudo o que eu esperava mas bem mais. Ultrapassou tudo aquilo que julgava possível, humanamente possível, é caso para dizê-lo, porque estas plantas, acreditem, não são deste mundo. Foram-nos deixadas como poção mágica para entrarmos noutra dimensão, finalmente entrar no espaço entre os pensamentos, tão falado no

yoga, ou no hiato entre o bater de asas de uma borboleta de Chopra, à velocidade de um cometa, ao vivo e a cores.

Parto com uma semana de avanço para ter uma pequena lua de mel com o meu companheiro, não sabendo que era a nossa despedida. Um nirvana de despedida, em Cuzco, Machu Pichu, Ollantaitambo, Yucai, Sacsayhuaman e outros lugares exóticos, com uma incursão à selva de Puerto Maldonado. O Universo foi clemente ao dar-nos esta pérola no nosso casamento. Na altura, foi também uma concessão, porque prolongou a estadia e significou passar quase um mês longe dos meus filhos, mas pareceu-me importante para a nossa relação de casal – só mais tarde perceberia o quanto.

Assim me apresentei em Lima a 8 de Julho, no hotel combinado, para conhecer o grupo que comigo iria aventurar-se numa selva interior. Os recursos tinham acabado por movimentar-se para financiar a viagem mais importante da minha vida, o percurso do caminho da alma. Não sou aquilo que possuo mas aquilo que vivo. Não posso deixar de dizer, como o xamã a encerrar a cerimónia, “Gracias Madre, Gracias Padre”. Sem vós não estaria aqui. Espero ter curado gerações inteiras, passadas e futuras. Os meus filhos fecham o ciclo e inauguram comigo um novo ciclo na história familiar.

Grata estou também por todas as oportunidades que tivemos de caminhar juntos, aconteça o que acontecer, ao meu companheiro de estrada e de vida Jaime. Aos meus filhos, por serem os meus anjos da guarda. E grata eternamente a Kalid, por todas as janelas que foi abrindo na minha vida, talvez sem ter essa percepção, o que não lhes retira poder ou capacidade de transformação. Kalid, nome de Sanyasin que significa “o eterno”, foi o primeiro elo de uma cadeia de acontecimentos que me trouxe para esta nova dimensão, em que o mundo é uma passagem, mais vertiginosa do que se possa imaginar, para uma nova dimensão de evolução possível da humanidade. A Ayahuasca ensinou-me sem palavras o que significa reaprender a ser humano numa realidade cósmica.

Géraldine Correia, 16 de Julho de 2007.

P.S.: Para tudo isto, basta engolir a maldita poção. O que, como vão descobrir, não é nada fácil.

I

O que é Ayahuasca?

Quando tento descrever a experiência da Ayahuasca a pessoas familiarizadas com substâncias psicadélicas, digo-lhes que coisas como o LSD e cogumelos distorcem e dão novas formas a uma realidade que já conhecem; a Ayahuasca leva-nos para outra realidade, que nunca vimos ou imaginamos antes.

Donald M. Topping,
Ph.D., Professor Emeritus, Universidade do Hawai, presidente do Drug Policy Forum of Hawaii, curado de um cancro do fígado pela Ayahuasca em cerimónias de Santo Daime.

A Ayahuasca é uma bebida psicoactiva consumida em toda a região Amazónica. O chá tem muitos nomes. Ayahuasca é a combinação de duas palavras Quechua, a língua dos índios da montanha, no Peru, e significa “a trepadeira dos mortos ou espíritos”. Consoante a região e contexto de utilização, encontram-se vários nomes: Oni xuma, mariri, hoasca (Peru), pilde, dápa, pandé (Equador), cipó, caapi, hoasca, daime, vegetal (Brasil), yagé ou yagué (Colômbia), kahi, kahirama, mihi e natema (Amazónia). A Ayahuasca sempre foi usada no processo de tomada de decisões numa tribo, para localizar a caça, ver lugares distantes e prever o futuro. Ingerir um concentrado de plantas elimina de facto o odor humano, o que facilita a aproximação dos animais. O xamã de hoje usa-a para ver a constituição interna dos pacientes, fazer o seu diagnóstico, e entrar em contacto com seres e guias que lhe passam informação sobre o tratamento adequado. Se perguntar a algum indígena ou mestiço da região amazónica porque toma Ayahuasca, a resposta simples é “pela cura, para limpar o corpo, para tirar o stress”. É habitual beberem a mistura uma vez por mês, como quem vai ao Centro de Saúde. Para os Índios, yagé está ligada às origens do conhecimento e da sociedade. Ensinou-lhes o bem e o mal, as propriedades dos animais, as plantas medicinais e as alimentares. Para muitos, beber Ayahuasca serve para

desenvolver a inteligência e manter vivo o pulmão do mundo, a Amazônia.

O mundo dos sonhos e o mundo real fundem-se num só. O papel do xamã é viajar entre estes dois mundos, ser um intermediário e levar informação entre estes dois mundos.

Não será coincidência estarmos a voltar ao xamanismo, a primeira religião da humanidade, próxima da Natureza, da Terra, sem intermediários. A verdade não está lá em cima, mas cá em baixo. Sabemos que é necessária uma transformação radical. Como diz o autor de um documentário sobre Ayahuasca no Youtube, depois de ver o filme de um grupo de jovens a tomarem Ayahuasca na cave da sua casa: “Podemos usar um livro para muitas coisas, desde passar o tempo, aprender, aquecer-se fazendo fogo, ou mesmo limpar o rabo... e com as plantas, o uso também pode ser recreativo, curioso ou pretensioso, para um milhão de coisas, mas a sua essência é muito diferente”. Aventurar-se neste mundo das plantas sagradas sem um guia é imprudente. Quando se pergunta ao nosso xamã, Don Juan, se é possível ficar-se louco com a ingestão da bebida, ele responde simplesmente “sim”, sem dar importância ao assunto. Há viagens sem retorno, e é importante sentir o chamamento para este tipo de cura. “Ayahuasca não é para todos, mas todos podem curar-se com ela”, repetem conhecedores de várias tradições, dos peruanos aos brasileiros.

Os rituais e cerimónias permaneceram ocultos no mundo ocidental, até à viagem de um explorador inglês ao Peru. Em 1851, Richard Spruce tomou conhecimento da bebida, mas foi só sete anos depois que um equatoriano, Manuel Villacencio, foi o primeiro não-indígena convidado a uma cerimónia. Seguiram-se William Burroughs, que viajou em 1953 para provar a Ayahuasca na Colômbia. Um colega, poeta, fez a sua viagem sete anos depois, e ambos mantiveram uma correspondência sobre as suas experiências num livro chamado *As Cartas de Yagé*. O livro e as investigações do etnobotânico Richard Evan Shultes contribuíram para chamar a atenção dos ocidentais para a planta e os seus usos ancestrais.

Actualmente, norte-americanos, sobretudo, mas alguns europeus também, começam a participar em cerimónias ou retiros. No Brasil, criaram-se religiões em torno da Ayahuasca (Santo Daime, União do Vegetal), reconhecidas mais tarde pelo Governo brasileiro pelo seu contributo social

importante na luta contra a toxicod dependência, alcoolismo, etc.. A bebida foi legalizada, o que retirou-a do universo das drogas em geral. Outras legislações no mundo tratam a Ayahuasca de forma diversa. Para os índios, não é inocente esta interdição de plantas que permitem o auto-conhecimento. O futuro do planeta depende da nossa consciência de nós próprios. A humanidade está no limiar da auto-destruição. Então, a quais interesses servem de facto a proibição e ilegalidade da Ayahuasca e de outras ferramentas de mergulho interior?

A bebida é, na verdade, a mistura de duas plantas. A Ayahuasca ou Banisteriopsis é uma trepadeira. As suas folhas e tronco contêm níveis elevados de betacarbolinas ou alcaloides de harmala. O consumo de Banisteriopsis sozinha resulta numa certa ebriedade, sem visões. Esta planta é misturada com chacruna, cujas folhas bem características apresentam, no dorso, alguns “nós” no centro. As duas plantas são geralmente plantadas perto da malloca, a estrutura de madeira e tecto de colmo, aberta, sem porta nem janelas, onde se realizam as cerimónias. A chacruna contém [DMT](#)(dimetiltriptamina). A Drug Enforcement Administration, americana, classificou o DMT como droga de nível I, tornando-o ilegal e impossível de obter. O DMT é um alucinogénico poderoso que acelera a activação dos neurotransmissores de serotonina. Quando ingerido oralmente, o DMT é desactivado pelo MAO (mono-amine oxidase). Com a Banisteriopsis, o processo é invertido, e acontece uma desactivação dos inibidores MAO, o que permite que o DMT se liberte ao longo de várias horas, e não os dez minutos que o nosso corpo leva a metabolizar esta substância – ou seja, obtêm-se visões prolongadas.

A extracção dos alcalóides da trepadeira das almas, como lhe chamam, ou dos mortos, exige um tempo de cozedura de 10 a 15 horas. Os xamãs cozem geralmente as plantas toda a noite, até obterem uma mistura concentrada – e fétida. Há rituais associados ao corte e esmagamento da trepadeira. Norma Panduro, uma das xamãs da actualidade mais conhecidas, conta como é preciso estar alegre e sorrir ao longo da preparação. Para os brasileiros do Santo Daime, “doutrina da floresta” (culto xamânico-cristão associado à ingestão ritual do chá), a trepadeira é cortada ritmicamente com cânticos, os famosos “hinos”, numa cerimónia a que chamam “feitio”.

Em vários contextos de utilização da Ayahuasca, diz-se que a trepadeira contém o poder e as folhas contêm a luz, com a primeira característica associada ao lado masculino e a segunda ao feminino. As duas plantas são originárias da América do Sul. Crescem no vale do Amazonas, a Leste do Equador e nalgumas zonas do Peru, Colômbia e Venezuela. Existem documentos que retraçam o conhecimento da Ayahuasca há milhares de anos. Diferentes culturas criaram mitos sobre a sua procedência, divindades associadas e acontecimentos sobre a origem das tribos.

Se pensarmos um pouco sobre a descoberta da Ayahuasca, é de facto espantosa. O número de plantas na floresta das chuvas é gigantesco. O número de combinações entre elas é ainda maior. O método usual de experiência e erro não pode ser responsável pela associação da Chacrana e Huasca. As duas plantas são morfologicamente distintas e a descoberta das suas propriedades químicas únicas é muito profunda. Os dois ingredientes activos são o DMT, presente nas folhas de Psychotria ou Chacrana e que induz alucinações, e os inibidores MAO, que estão na trepadeira. É surpreendente como pode existir uma planta com neurotransmissores tão semelhantes aos do ser humano e que “comunica” assim com ele, como se tivesse sido deixada ao seu alcance propositadamente.

Estranho também é o facto de se partilharem experiências e de algumas delas serem comuns. Porque razão muitas pessoas vêem insectos, uma personagem feminina na floresta, cobras, uma serpente gigantesca que as engole, passa pela experiência de morte e renascimento? A experiência é muito pessoal, mas ao mesmo tempo passa por imagens comuns. Na mesma cerimónia, não é invulgar ter mensagens sobre os outros participantes ou entrar na sua viagem, como por telepatia. Pessoas em dificuldade e a vomitar sentem receber energia dos outros participantes. Há a partilha de um campo energético.

O xamanismo reflecte aqui pressupostos completamente distintos da cultura dos “gringos”. A cultura ocidental baseia-se num pressuposto muito forte: caímos em desgraça, sofremos o pecado original e fomos expulsos do paraíso. Não há uma ligação do homem ao seu meio ambiente, à Natureza, mas uma relação consigo próprio, como um exilado, que deve sobreviver sozinho num mundo hostil. Este conceito é visível em toda a

sociedade. Quando há uma crise psicológica, o homem vira-se para a psicologia, medicação ou religião, mas nunca para a Natureza. Numa cultura primitiva, o homem nunca foi banido do Éden. Uma crise psicótica é algo mágico. O inconsciente abre-se, e encoraja-se a pessoa a mergulhar fundo, a experienciar outros domínios da sua própria mente. É um acontecimento invulgar, mas natural. Tudo tem a ver com a Natureza. No entanto, todos os filósofos ocidentais assumem basicamente o homem como um fugitivo da Natureza. Mas a Natureza não nos é hostil: somos os seus guardiões.

Sabemos que existiu um salto quântico na evolução da humanidade. O cérebro triplicou o seu peso e formou-se o neo-cortex. Vários autores, como Alex Polari, ligado ao Santo Daime, ou Terence McKenna, que estudou exaustivamente enteógenos, defendem que uma das causas da irrupção da auto-consciência humana ou do surgimento da humanidade estaria no encontro do homem com o mundo vegetal e substâncias psicoactivas. Digamos que um grupo de homens terá começado a consumir certas plantas, abrindo a sua consciência, e recebendo instruções sobre plantas que serviam para alimentação, cura e visões do futuro. Plantas mestras, que transformaram os homens nos seus próprios professores, buscando o mestre no seu interior, na introspecção.

Vestígios de rituais com cogumelos sagrados, fungos psilocípicos, foram encontrados em culturas diversificadas. Na Sibéria, era a amanita muscária, um cogumelo enteógeno, vermelho com pintas brancas. Uma lenda do koryak siberiano conta que o herói da cultura, Grande Corvo, numa passagem, capturou uma baleia, que estava à sua frente, e queria soltá-la no mar, mas era incapaz de devolvê-lo ao mar por ser tão pesada. O deus Vahiyinin (existência) disse-lhe que deveria comer espíritos do wapaq para ter a força. Vahiyinin cuspiu em cima da terra e as plantas brancas pequenas – os espíritos do wapaq – apareceram. Tinham chapéus vermelhos, e a saliva de Vahiyinin congelada como os flocos brancos de neve. Ao comer o wapaq, Grande Corvo tornou-se excepcionalmente forte e conseguiu atirar a baleia ao mar. A partir daí o cogumelo cresceria para sempre na Terra, e os povos poderiam aprender o que ele ensina.

Nas biografias legendárias de alguns adeptos do budismo, há alguns indícios que podem ser interpretados para revelar que eles consumiam

o cogumelo amanita muscaria para conseguir a iluminação. Eles mantinham o voto de manter o segredo dessas práticas, tanto que sua identidade foi escondida atrás de um jogo de símbolos.

Alguns pesquisadores afirmam que se trata do próprio soma, dos Vedas, a mais antiga literatura sagrada da humanidade, associada à Índia. Soma era mais do que uma planta, e o seu sumo expressa um deus.

Nas pesquisas, o uso do amanita aparece também em tradições da Ásia do Norte e do Sul, nas tradições germânicas ligadas a Odhin, em usos xamânicos mais adiantados nas florestas da Eurásia do Norte. Foi também identificado como o Haoma, dos Persas. Esses cogumelos sagrados, e outras plantas, foram utilizados por xamãs para a cura espiritual. Eram a entrada para o reino dos deuses.

Mais tarde, o homem procurou recriar uma espécie de transe com música e rituais, sem consumo de plantas ou cogumelos, para restabelecer e manter a ligação divina. Esse divino é Deus em cada homem, é a ligação ao Ser Superior de cada um. A associação do vegetal a uma divindade remonta assim a períodos longínquos e seria uma consequência de visões devidas a enteógenos. Plantas e árvores adquirem então atributos divinos. A maior prova de um passado da humanidade junto destas plantas é o facto da serotonina, neuro-transmissor cerebral que estimula os neurónios e quase idêntico ao DMT, estar presente nos enteógenos usados desde períodos anteriores a Cristo.

Voltando à nossa actualidade, o psicotrópico é uma droga. Esta palavra, na nossa cultura, é considerada como um sinónimo de decadência, mas noutras civilizações as plantas psicotrópicas eram consideradas ferramentas para o conhecimento, plantas mestras. Os estudos científicos revelam que a chave está no ADN, a programação genética, a glândula pineal ou terceiro olho que está entre os dois hemisférios cerebrais. As moléculas dessas plantas seriam assim a nanotecnologia molecular para activação da consciência. Anjos e demónios seriam um contacto, por arquétipos, entre a codificação positiva e negativa do nosso ADN. E os xamãs são as pessoas que sabem usar estas plantas, veículos para, no Invisível, se estabelecer uma relação entre o doente e o curandeiro. Tudo indica que a sua experimentação neste campo tem mais de 4 mil anos.

Psicotrópicos como a Ayahuasca são atalhos para aceder a centros de consciência, criar caminhos que podem depois ser seguidos num estado acordado normal. A existência no cérebro de locais para receptores bioquímicos (mescalinas, harmalinas e harmolaminas, os complexos psicoactivos destes chás de plantas) permite deduzir que o cérebro é capaz de produzir estes químicos naturalmente depois de ter sido programado para isso. O cérebro que controla a nossa consciência, limitando-a a uma fracção daquilo que a mente experiencia a qualquer momento, pode ser programado para aceder ao inconsciente. É uma programação pela experiência.

Como afirma Josep Ma Fericgla, especialista espanhol em terapias com enteogéneos, “depois de milhares de anos de consumo na Amazónia, não existe um único registo de utilização indevida, envenenamentos ou acidentes como consequência da sua utilização. Não houve casos de abuso ou adicção a esta substância, não é venenosa, não cria dependências e não existe um único crime associado ao seu consumo ("Breve informe sobre la Ayahuasca", Dr. Josep Ma. Fericgla. Artigo publicado na Internet).

Finalmente, é importante não esquecer que as drogas em geral adormecem o cérebro, são narcóticos. As plantas mestres, pelo contrário, levam o cérebro ao seu potencial máximo, iluminando todos os recantos, abrindo todas as gavetas da alma. Mas os outros mundos nem sempre são mundos de luz, diria Jan Kounen, realizador francês do filme "Autres Mondes". “Será que se trata de recordarmos quem somos ou descobri-lo? Sem palavras, essa realidade pode expressar-se no terror, lágrimas e sofrimento, por vezes pela beleza, com lágrimas de amor perante a magia. Vem do interior do Ser, sob a forma de arquétipos. A realidade é determinada individualmente pela história pessoal e a cultura de cada um”, diz o cineasta, que tem mais de 100 cerimónias de ingestão de Ayahuasca em retiros profundos no seu activo.

O que acontece, afinal, quando se toma Ayahuasca? Em termos descritivos, os efeitos surgem cerca de 30 minutos depois da ingestão e duram seis horas, ou 12 horas. Algumas pessoas permanecem na malloca ritual até de manhã, quando a cerimónia começou às seis horas do dia anterior. Algumas pessoas levantam-se, outras ficam pregadas ao chão e só se conseguem levantar quando todos os efeitos desaparecem.

Como vimos, os alcalóides da planta provocam uma activação das ligações entre os dois hemisférios cerebrais, provocando uma inibição temporária de enzimas de MAO, o que intensifica os níveis de serotonina. Este neuro-transmissor está envolvido no controlo dos nossos humores, emoções, percepção sensorial e funções cognitivas superiores. Ainda há bem pouco tempo, a inibição de MAO era a forma de tratamento mais popular contra a depressão. Quando se impede a acção desta enzima que visa a degradação de alguns neurotransmissores (a dopamina e noradrenalina), os níveis de serotonina aumentam, o que permite uma actividade neuronal mais intensa.

A serotonina participa em vários aspectos das funções cognitivas superiores, como o planeamento e tomada de decisões. É o neurotransmissor dos neurónios que transmitem as sensações de dor e induzem o sono, por isso a sua ausência provoca insónia. A partir da serotonina metaboliza-se a melatonina, outro neurotransmissor sofisticado, que regula o relógio biológico, ritmos circadianos e fisiologia da retina. A glândula pineal actua como transmissora, transformando sinais luminosos em sinais hormonais. Em suma, a serotonina é uma espécie de filtro de percepções. A sua activação explica a sensação de observação da beleza do mundo pela primeira vez, possivelmente. Permite recuperar um olhar de criança sobre o banal. Daí talvez o deslumbramento quando se ingere Ayahuasca.

Em termos físicos, a Ayahuasca pode provocar vómitos, náuseas e diarreia, taquicardia e tensão alta. Não há problemas físicos associados a um consumo prolongado, nem qualquer efeito aditivo da substância. Mas existe um estudo, citado por C. Callaway, Ph. D. e professor de Anatomia e Neurobiologia da Universidade do Tennessee, sobre uma alteração significativa da densidade entre os pólos de activação de serotonina nas plaquetas sanguíneas. Um estímulo quinzenal ou semanal de serotonina permite, para Callaway, “uma forma nova e inexplorada de aplicar a Ayahuasca a disfunções neuronais: induzir um síndrome de serotonina terapêutico que actua como um sedativo mental”. Assim, os adeptos do Santo Daime ou indígenas da selva estão no bom caminho quando afirmam que se deve “tomar o chá” uma vez por mês ou mais “pela cura”. Mantêm assim níveis de serotonina que os tornam mais inteligentes. O efeito anti-depressor explica também o sucesso da bebida no tratamento de tóxico-dependentes e

vícios usuais como o tabaco ou álcool, sem esforço.

A intensidade, clareza e duração das visões cresce consoante a limpeza do corpo. A purga da matéria proporcionada pela Ayahuasca é um mecanismo para tocar as fibras mais sensíveis do ser. A bebida não dá visões, apenas retira o que nos impede de vê-las: o filme contínuo de pensamentos que transforma a nossa consciência em algo opaco. Quando o corpo está purgado e a mente se aquieta, tornamo-nos transparentes e é possível ver. O derradeiro objectivo é a separação do Ego e o encontro com o Divino.

Experiência: Cerimónia I, Pucallpa Trujillo e Cláudia

São seis e meia. Uma leve neblina cobre o topo das árvores e desce até metade dos troncos. Trujillo levanta o mosquiteiro, que forma um casulo à volta do seu colchão, um casulo branco. Sobe a ladeira para a sua casa de banho privativa, uma espécie de rectângulo formado por folhas de palmeira gigantes. No centro, um buraco fundo e uma cadeira sem fundo: um tampo de retrete suportado por quatro pés de ferro. No regresso, ele queria escrever no seu diário, mas todas as folhas estão húmidas.

A selva é um ronronar constante. Os pássaros, os insectos, os animais desconhecidos ao longe. A água corre a dois passos numa ribeira, a que todos chamam “quebrada”, um braço de rio límpido que encantou o xamã Don Juan e o levou a comprar estes 400 hectares de floresta amazónica para fazer o seu trabalho e organizar os retiros.

Trujillo sacode as botas, sacode a roupa que deixou pendurada nas traves que formam a estrutura do seu tambo, a cabana de madeira sem portas nem janelas onde dorme. Há sempre insectos por ali. Quando era pequeno, sacudia os sapatos, para não ter de descobrir com os dedos dos pés o formigueiro desagradável de patas luzidias e a consistência fria e plástica da barata. No açucareiro, não era raro trazer-se na colher um corpo negro, e a irmã, distraída, já tinha misturado no leite com chocolate o insecto repugnante mais do que uma vez. Mas com o tempo, moscas, vespas e até baratas tinham desaparecido. Lembrava-se bem que não se podiam deixar copos de sumo no chão do quarto para beber de noite sem transformá-los numa piscina de êxtase para os insectos pretos.

Estas recordações precipitam novamente Trujillo para a floresta tropical. A Europa pode estar morta, mas a Terra aqui está bem viva. A pachamama, como a chamam os andinos.

A cultura andina, seja ela a das montanhas ou a “selvática”, a da selva, acredita nos quatro elementos e na necessidade de honrá-los. Para os Incas, o sol era muito importante porque permitia a vida nos vales e montanhas. A selva privilegiou a lua e as estrelas, que adivinhava por entre as árvores. O seu mundo é verde, o seu céu um conjunto de fragmentos. No rio, como no mar, é o conhecimento das estrelas que orienta os índios. “Quem estava aqui primeiro? Como é que os Incas podiam conhecer o puma, o jaguar-otorongo? Pelos índios é claro”, relembram os guias nas selvas de Iquitos e Puerto Maldonado aos turistas. Impera ainda uma certa rivalidade entre a cultura da montanha e a amazónica – *la jungla*. Reconhece-se a magnitude dos Incas, mas é atribuída aos índios. São duas culturas fortes, com as suas religiões, tradições e cerimónias espirituais bem vivas na actualidade. No Peru, existem ainda as pessoas da costa e as dos lagos, a juntarem-se aos povos do Amazonas e dos Andes.

Ontem tomaram a sua última refeição. Hoje começa *La Dieta*. O xamã explicou que teriam de comer os alimentos tradicionais deste tipo de retiro: aveia cozida, banana (plátano, pouco doce, como uma banana-batata), arroz e quinoa. Nada de sal, gordura ou açúcar. A proteína é o peixe, apanhado na quebrada e grelhado. Tudo isso torna o corpo sensível, mas também receptivo às plantas mestres. Estão planeadas cinco cerimónias com Ayahuasca, ao longo de dez dias.

Na pequena casa do xamã no porto amazónico, de onde viajaram duas horas de carro e mais uma de barco para chegar àquelas terras da selva, foram explicados os procedimentos básicos da Cura.

– As cerimónias serão dia sim, dia não. Nos dias de cerimónia comeremos menos. Entretanto, tomarão um chá, de Bobinsana. Esta planta, na margem do rio, é a única que resiste quando há cheias ou grandes chuvas, por isso é uma forma de nos sentirmos enraizados. Quem já tomou drogas na sua vida?

Há alguma comoção, os testemunhos sucedem-se: cocaína, heroína, cannabis, extasy, pops...

– Esta não é uma bebida recreativa. É uma planta, uma planta que nos mostra coisas da nossa vida. Os sentidos agudizam-se, adquirem uma

nova dimensão. Um ruído pode parecer-nos muito forte, um cheiro insuportável. Quando a experiência for muito forte, o meu conselho é respirarem.

O peruano moreno, com cabelo liso colado à testa devido ao suor, fecha os olhos e respira fundo. Inspira pelo nariz, expira pela boca. Alguns mosquitos preguiçosos voam pela sala. O grupo de dez pessoas acena a cabeça, mas não integra verdadeiramente aquelas palavras. É difícil perceber até que ponto se pode perder o controlo. É um conceito abstracto.

– Lembrem-se que a Ayahuasca é também chamada *La Purga*, por isso podem surgir vômitos, diarreia. A dieta de Bobinsana aplica-se nestes retiros porque é um trabalho intensivo, mas não provoca visões como a Ayahuasca. Há outras plantas para estimular os sonhos ou desenvolver outras capacidades, esta é para enraizar.

E para reconfortar o grupo, esmagado pelo calor e mosquitos incansáveis, o xamã lembra a todos que se não se sentirem muito bem podem chamar Don Juan. Aparentemente, este e aquele que os acompanha na selva revezam-se para falar com os participantes nos retiros um do outro.

Em plena selva amazónica, Trujillo já tomou banho com as plantas distribuídas de manhã num balde. Desceu à quebrada e esfregou-se com as folhas que triturou com as mãos. O cheiro é levemente desinfectante, fresco.

– Não vamos usar pasta de dentes, desodorizante, sabonetes ou champôs, porque o nosso corpo deve estar receptivo, com o mínimo de toxinas possíveis.

Don Juan é um peruano encorpado, de cabelo preto, rosto queimado e cicatrizes. De t-shirt e calças de ganga, foi buscá-los ao aeroporto. Muitas pessoas o cumprimentam. O seu rosto ilumina-se constantemente com um sorriso largo. Chove nesse dia, pela primeira vez há semanas. O xamã ri muito e conta piadas, como uma criança. O seu avô era curandeiro, mas com o cacto São Pedro. O seu pai é cirurgião. Nunca pensou ser ayahuasquero, e começou há 20 anos, aos 28.

– Não é um caminho que se escolhe. É ele que nos escolhe. Mesmo

hoje, não sei nada. Sei um pouquinho sobre Ayahuasca.

Exemplifica, unindo o indicador e polegar.

– A verdade é que a Ayahuasca escolhe as pessoas. Não é para toda a gente. Parece estranho, mas é assim.

As culturas xamânicas, incluindo as que deram origem ao yoga, em que as lendas contam como se consumia a bebida soma, e as primeiras religiões da humanidade, baseadas na natureza, falam por vezes de um mito da origem específico e comum a muitos povos pelo planeta. Os primeiros homens teriam encontrado por acaso umas plantas, e depois de consumi-las teriam tido uma tarde muito interessante. No dia seguinte repetiram a experiência, e com o tempo adquiriram assim a sua consciência ou humanidade.

Os guardas trazem banana assada, deliciosa, e um prato de aveia. Daqui a três dias só o cheiro da refeição será insuportável, quanto mais o seu consumo. Mas neste primeiro dia, Trujillo explora gastronomia, trilhos, tambos desocupados – o acampamento tem capacidade para 20 pessoas. Todos ficam relativamente isolados, longe uns dos outros, e é por isso que as refeições são trazidas para cada tambo.

– Vai sair muita negatividade. É por isso que é bom respeitar o espaço dos outros.

– Há serpentes? Há peixes que se introduzem nos orifícios quando tomamos banho?

Don Juan explica que a quebrada é de águas claras, que verão onde põem os pés, não? E sim, há cobras, sobretudo de noite, por isso calcem as botas de borracha.

Ao fim da tarde, a caminho da malloca, a estrutura maior onde têm lugar as cerimónias, Trujillo apanha Cláudia, a sua vizinha de tambo mais próxima. A Cláudia ficará na malloca até de manhã. Acordará coberta de vômito, com resquícios da planta a sair-lhe pelo nariz. Não conseguiu sair dali até o nascer do dia. No momento em que todos se estavam a ir embora,

entrou no mais forte da sua viagem. Estremecia convulsivamente. A planta sussurrou-lhe ao ouvido:

– Tu és assim. Demoras mais a arrancar, mas depois ficas lá para sempre. As coisas contigo duram. É uma das tuas qualidades.

Não há espelhos. Tal como Cláudia, Trujillo adopta o hábito de tirar fotos a si próprio, para ver no seu rosto impresso a cerimónia. A planta cura e rejuvenesce, transforma, então nada como ver essa transformação passo a passo.

Mas nessa primeira vez, a caminho da malloca cerimonial, tudo é novo. Trujillo recorda o começo e o fim. No fim, Don Juan, criança, dá um salto e agarra-se à trave por cima da entrada da sala, balançando, depois cai e esfrega os rins.

No início – bem, no início estão os preparativos que podem mudar a vida dos participantes para sempre. Don Juan pega na garrafa de água de flores e sopra levemente no seu gargalo. Chama pelo espírito da planta. Depois “bebe” a água perfumada e cospe-a na direcção dos quatro pontos cardinais. *Que todas las esferas del universo canten gloria para ti: las plantas, la tierra, el fuego, el Aire, el reino mineral, el reino vegetal, el reino animal, y el reino del hombre. Gracias madre, gracias padre.* Os sapos coaxam na quebrada. O xamã assobia uma melodia. Todos bebem, à vez, um copo pequeno de Ayahuasca, mistura espessa e fétida, terra líquida que custa engolir. Apaga-se a vela, fica-se numa escuridão total. Não se distinguem os contornos uns dos outros.

Trujillo respira calmamente. Cláudia deitou-se no chão. A planta sobe numa onda crescente. O corpo dela começa a formigar, e perde a sensibilidade. O espírito entrou noutra plano. O picotar torna-se avassalador e parece que o corpo não vai aguentar. Respira. O xamã canta, e isso ajuda. Parece que puxa a energia. A viagem. Não, primeiro as mensagens. A informação chega de todo o lado, mas sempre na forma de um diálogo interior, com uma entidade que lhe é completamente estranha. Quando a planta fala, é com cada grão de terra luzidio a escorregar nas palavras. É como o andar leve dos insectos sobre um ramo. Às vezes fala, às vezes mostra.

– Queres este bebé?

Vê um bebé índio.

– Vão trazê-lo para mamar. Tens de saber se queres. Aceitas?

Cláudia, num murmúrio: *Sim.*

Depois foca a atenção para outro lado da sala. Só vê morte. Uma das pessoas é uma morta viva, um cadáver com minhocas a saírem pelos olhos.

– Vais dizer à tua amiga em Lisboa que essa pessoa está morta, mas ela já sabe. Um dos desafios dela é lidar com ela. Mas tu tens de te afastar progressivamente. Ela não te traz nada.

Vuela vuela sui sui, vuela vuela sui sui. O xamã canta.

Trujillo vê um pequeno Inca. *Podemos mostrar-te onde está enterrado, a 200 quilómetros de aqui.* É um rapazinho, não está morto. Vão-lhe dando Ayahuasca e já não tem fome. Está com as pernas dobradas sobre si e os braços também. Trujillo coloca-se na mesma posição, enterra-se na sua almofada como se estivesse num espaço exíguo. Ele sente-se apertado, enterrado na terra, mal respira. Mais Ayahuasca e não sente dor. Morre devagarinho.

Mariri, mariri.

Este Inca deve ser uma vida passada. Não faz ideia de onde veio. No seu regresso da selva, irá pesquisar e confirmar que os Incas sacrificavam crianças porque acreditavam serem mensageiros para o outro mundo. Matavam-nas para que pudessem levar as suas mensagens para o além.

O xamã sopra, um som que nunca mais sairá de nenhum deles, tal como o das folhas que agita no ar e parecem agitar as suas almas. Há uma menina de nove anos, também. *Morreu pequena e quer divertir-se, empurrate a fazer coisas.* Depois Trujillo vê-se numa sala de operações. Uma série delas, com anestesia geral, após o terrível acidente de carro que teve há uns

anos e lhe desfez a bacia. Sente-se, neste momento, no mesmo espaço onde esteve quando estava anestesiado. *Era a forma de poderes estar aqui na Malloca, conosco, de te contactarmos. Foi aqui que te transformámos.* Precisava de sentir. Na altura, esteve anestesiado durante as operações, mas a visão que lhe é transmitida é que não deveria estar inconsciente durante as suas transformações. *Faltam-te esses momentos. Foram-te roubados.* Depois Trujillo passa por uma experiência dolorosa, de reviver as operações, os cortes, a pele cosida, como se estivesse consciente.

Legitima curandero yari, ilumina los presentes, yari.

Cláudia bebe o segundo copo. Parece-lhe que o primeiro não fez muito efeito. Não faz mal. De repente, a voz de Don Juan confunde-se com a de uma enfermeira. Sente a vida a pulsar. De repente é a concepção da sua filha. As células, um coração bate num feto pequenino. A barriga aberta. O bebé como numa massa amarela que pulsa. Tiram-no. Cosem. Cláudia vê as almas.

Bobinsana sunarai, sunarai anti.

As almas dos seus filhos a escolherem vir por ela. As combinações. Um dos bebés tentou vir muitas vezes, desistindo a medo. Cláudia, na realidade do mundo moderno, perdeu de facto duas gravidezes. É uma criança infantil porque não conseguiu encarnar por várias vezes. *Eu amo-te, filho.* Cláudia sente uma conexão imediata com a sua família, uma ligação espiritual que atravessa continentes e sabe que a sentem. Mais tarde confirmou essa sensação de “visita” com as pessoas com quem estabeleceu, na malloca, a milhares de quilómetros, a ligação telepática. Don Juan explicou, no início, que estão a curar antepassados, filhos e netos, a romper programas kármicos.

A flauta, a guitarra dançam.

Cura cura cuerpecito, limpia limpia espirititu.

Muitos vomitam. O xamã anda pela sala, com água de flores e o seu abano de folhas. Cláudia não quer vomitar. *Talvez não seja preciso. Não, está bem, hoje não.* A planta continua a falar com ela. Encolhe-se sobre si

própria. O seu corpo é sacudido por descargas eléctricas.

Para muitos, é o fim da cerimónia. Ela abre um olho, e vê no outro lado da sala um colega transformado em Obelix. *É um celta, foi um celta.* Outra vizinha, fugazmente. *Ela vai ter um filho.* A vida a pulsar no útero.

Cláudia fica até de manhã. Partilha a malloca com outra rapariga, Sandrine. Esta faz a sua viagem na pata de um tigre.

– O corpo não gosta, mas o espírito rejubila.

Trujillo percebe melhor as palavras de Don Juan. O mero cheiro da planta desperta convulsões no seu estômago. Foi tomar banho à quebrada porque tinha o cabelo empastado com vômito. Acordou num sobressalto, e já tinha vomitado, sem esforço. Um minuto nas esferas celestes, no outro o líquido quente a encher-lhe a boca e nariz. Cobriu Cláudia com um cobertor antes de sair da malloca. Esta, num momento de lucidez, passa a língua pelo lábio superior, inundado por um líquido salgado e alienígena, o excesso de planta a sair.

Mesmo depois do banho, lembrar-se da garrafinha de Ayahuasca provoca um longo calafrio no corpo de Trujillo. Apanha sol na terra abaixo da cabana, e aguenta o máximo de tempo porque os insectos picam. Cada suspiro é como uma onda que percorre o próprio planeta, a respiração da terra por baixo dos seus pés.

Abre-te corazón,

Abre-te sentimiento

Abre-te entendimiento,

Deja al lado la razón

Y deja brillar el sol

Escondido en tu interior

Es tiempo ya,

Ya es la hora,

Abre-te corazón, y recuerda,

*Como el espíritu cura, como el amor sana, como el árbol florece y
la vida perdura*

II

Ícaros e xamãs ayahuasqueros

O ícaro é dedicado à humanidade, não há barreiras. Sou um compositor de ícaros de plantas. A planta dá-me a força para fazer as vibrações dos ícaros, que se chamam agradecimentos às plantas.

Juan Flores, Maestro Ayahuasquero

A cerimónia começa. O xamã sopra na garrafa de água de flores, agradece as quatro direcções... Depois de um período de tempo indeterminado, a música surge, como uma série de luzes, em que cada nota acende uma cor diferente. O charango, a guitarra de quatro cordas que toca, é como uma carícia, uma chuva delicada de sons dourados...

Tão importante quanto as substâncias nas plantas, os ícaros são o enquadramento do ritual, o fio condutor, a forma de guiar os participantes. Existem vários tipos de ícaros no início da sessão. O seu objectivo é provocar a *mareación*, ou mareação, para os brasileiros. Esse é o estado de tontura que surge depois de uma primeira etapa, em que a bebida “sobe”, por vezes de forma avassaladora, com uma sensação de impotência terrível, exigindo que se respire calmamente. Esta primeira fase é identificada com a componente “masculina” da Ayahuasca propriamente dita. A mareação surge quando entra a componente “feminina”, mais suave, a chacruna. Há uma sensação de onda, de enjôo, durante a qual surgem as visões.

Um xamã afirma num site: “Para que a mente se torne susceptível à penetração de visões, as cortinas devem abrir-se para o início da peça de teatro”. Outros ícaros chamam o espírito da Ayahuasca, para que abra as visões, “como se expusesse o nervo óptico à luz”. Se as visões forem demasiado fortes, o mesmo espírito poderá ser afastado para trazer a pessoa de volta. Existem ícaros para chamar “doutores”, ou espíritos de plantas, para

curas. “Por vezes chamamos antepassados, para doenças completamente desconhecidas. Pode não ser um antepassado naquela família”, explica Kestembetsa, xamã Shipibo de Iquitos.

O xamã é o único médico num raio de quilómetros e quilómetros. É o centro de saúde na Amazónia, visitado regularmente. Há, por exemplo, um mal identificado em várias crianças, o *Manchare*, que afecta o paciente quando é assustado. Segundo explicam os xamãs, o espírito das crianças não está tão fixo no corpo como o de um adulto, e por isso é fácil voar com um trauma. O *Manchare* é um dos motivos mais comuns para os pais trazerem os seus filhos para sessões de Ayahuasca.

A arte dos Shipibos, sobretudo o vestuário, está relacionada com os ícaros. A letra das músicas é uma história simbólica que conta a capacidade de auto-cura da natureza. Num estado de transe, a bebida revela ao xamã padrões geométricos de energia. Esses filamentos fluem para a boca do xamã, onde se transformam em cantos. O Ícaro é um canal para os padrões da Criação, que depois atravessam o corpo do paciente, devolvendo-lhe harmonia sob a forma de padrões geométricos.

Assim, o xamã restabelece o equilíbrio do corpo do paciente com o ícaro, o canto dos padrões geométricos, que foram manifestados pelo som, quando os códigos visuais se transformaram em sinais acústicos, segundo explica a xamã Norma Panduro, conhecida por ser uma das poucas figuras femininas do mundo masculino dos Ayahuasqueros.

“As visões aumentam e expandem-se ao ritmo dos cânticos. Quando os xamãs me largam um minuto neste mundo de visões, tenho receio de mim próprio, medo daquilo que posso imaginar, e essa ideia ordena-me que fuja, mas os ícaros voltam a apanhar-me, não posso escapar à experiência”, conta Jan Kounen, no seu filme "Autres Mondes", documentário sobre a planta. Canta-se para tomar contacto com os espíritos. O participante concentra-se para deixar falar uma realidade sem palavras. A planta é o veículo, o xamã é o piloto.

Kevin Furnas é um xamã ocidental de São Francisco, nos Estados Unidos, que trabalhou com plantas durante mais de uma década, em Iquitos, no Sachamama Ethnobotanical Gardens, o que lhe valeu os títulos de

Ayahuasquero e Vegetalista (de vegetal, o que trabalha com as plantas). Deu uma entrevista à webzine australiana Undergrowth, antes de falecer em 2007. Explica que os ícaros surgem quando plantas ou espíritos colocam uma espiral de energia no chacra da coroa: “Dão-nos o código da vibração, como se fosse um número de telefone, de uma planta ou árvore. E podemos vê-lo em termos numéricos, como notas num instrumento ou telefone, ou como um espectro de cores, uma série de sons. E depois o espírito da planta surge com os seus médicos, hospitais, e trata das curas”, conta.

Cada música ou ícaro trabalha de forma diferente nos centros energéticos ou chacras. Cada um terá um efeito diferente. Há ícaros para aumentar ou diminuir a força das alucinações, para chamar defensores, reforçar o efeito de plantas medicinais, atrair o amor de uma mulher (huami ícaro), chamar o espírito de xamãs mortos, provocar chuva, vento ou relâmpagos, caçar, etc. A planta mestra, a Ayahuasca, apenas abre uma porta para que espíritos de outras plantas comuniquem connosco. Estabelece a relação entre mundos, abre o canal.

O papel dos ícaros é tão importante que o seu número e qualidade são a melhor expressão do conhecimento e poder do xamã. Numa iniciação, a primeira coisa a aprender são os ícaros, altamente individualizados, uma oferta dos espíritos. Os xamãs conhecem entre 60 a 100 ícaros. O seu número depende do tempo que durou a Dieta. A crença generalizada é de que são os espíritos que ensinam os ícaros e as línguas dos índios ao xamã, Quechua, Cocama ou Omagua. Muitas das lutas de poder entre xamãs são feitas através de ícaros, que podem significar viver ou morrer... Quem conhecer o ícaro principal de um xamã poderá atacar os seus defensores quando morre, e incorporar assim os seus conhecimentos.

As canções ou melodias são cantadas ou assobiadas, e por vezes não se usa qualquer instrumento musical para além da schacapa, folhas secas amarradas em leque que são agitadas, produzindo um ruído rítmico característico. “Bebi Ayahuasca e o xamã começou a cantar os ícaros. Em poucos minutos, pássaros cantavam, pirilampos voavam ao pé de nós e toda a selva respondia à música. Quando no dia seguinte questionei o xamã sobre este fenómeno, ele respondeu-me que o primeiro ícaro era para chamar e pedir aos pássaros e insectos a sua protecção”, conta Howard G. Charing,

autor de *Plant Spirit Shamanisme* organizador de retiros na Amazônia.

J.J Garcia Piñeiro, em *En busca de las plantas sagradas*, escreve que o yagé, outro nome para a Ayahuasca, é um ser inteligente, que existe realmente: “Posso comunicar com ele, introduzindo-o no meu corpo, e ao fim de um tempo nem preciso de engoli-lo para falar com ele... É um ser bastante Sábio, e cada visão que provoca é uma lição, um ensino, mesmo que demore dias, meses ou anos a revelar o seu significado em visões, sensações, sentimentos, presenças não corporais mas reais, etc.”. São atribuídas tarefas, missões, traz-se luz para problemas que ocorrem. A planta vai respondendo com exactidão a cada pergunta, umas mais pessoais, outras mais gerais, sobre o planeta, a reencarnação e a morte, etc. A resposta pode ser por palavras, imagens, ou mesmo fazendo com que se viva uma experiência que por si só é uma resposta à pergunta em causa.

"Os seres humanos mudam na luz, mas transformam-se na escuridão.", afirmou Wilbert Alix, co-fundador da terapia Trance Dance.

Nada disto significa que se domine a evolução do ritual. “Trabalho há sete anos com Ayahuasca, e apenas sei um pouquinho”, diz Don Juan, de Pucallpa. Como outros xamãs, explica que não se tornou curandeiro por opção, porque é-se chamado para essa vocação.

Os ayahuasqueros são pessoas que sentem um chamamento da planta, e em seguida estabelecem uma relação pessoal com a planta que vai ensiná-los. Retiram-se do mundo, na selva, onde seguem uma dieta: restringem os alimentos ingeridos (sem gordura, sal, açúcar, carne vermelha) e bebem um chá feito com uma planta que lhes foi revelada pela Ayahuasca, por exemplo. A Bobinsana é uma planta que os traz para a realidade, a Chuchuasi é um fortificante físico, etc.

Existem também xamãs ocidentais que entraram neste caminho. Vimal Darpan, australiano, foi confrontado com a Ayahuasca quando estava a escrever uma tese sobre a “Expansão da consciência e a natureza da experiência religiosa” para um mestrado na Flinders University. O estudo envolvia a observação de várias práticas religiosas, descobrindo a essência comum na experiência de cada uma delas, depois de retiradas ideologias culturais e mitológicas. Estudou o Tantra, Zen, Budismo, Taosimo, Gnóstica

e Drogas Psicadélicas como diferentes caminhos para a iluminação ou êxtase. Leu então um livro sobre Ayahuasca , *Keep the River on your Right*, que lhe trouxe a intuição de que um dia desenvolveria uma relação com esta trepadeira sagrada. Trinta anos depois um amigo introduziu-o: “Abriu-me de formas que não sonharia serem possíveis... e de formas que nunca tinha conhecido nas minhas outras explorações do mundo psicadélico. Percebi que era o que estava destinado a fazer. Era óbvio”, explica na revista Undergrowth. “Não escolhi a planta, ela escolheu-me. A planta tem a sua própria agenda ligada à ecologia do astral”.

Darpan não gosta de considerar-se um xamã. É um curador e músico, mas não um curandeiro no sentido tradicional. “Não curo doenças, uso a medicina para expandir a consciência. Trabalho com pessoas saudáveis que estão interessadas em despertar para uma realidade multi-dimensional”, diz. De início, temeu não ter um mestre humano para fazer dele um aprendiz, mas depressa percebeu que a planta é professora. Ao fim de uns meses, recebeu a informação de que poderia partilhar o chá com amigos e outras pessoas. A trepadeira mostrou-lhe o que fazer, e por não fazer parte da cosmologia tradicional amazónica, seguiu livremente a sua intuição e os ensinamentos das plantas. “Sabia que teria sido falta de autenticidade assumir uma prática cultural ou adoptar rituais sem uma iniciação, então criei algo meu, partindo de uma inocência que me acompanhou durante todo o processo”, explica. Foi guiado para usar os seus conhecimentos de meditação e música para criar um ritual adaptado ao espírito ocidental. A planta indicou-lhe que se alguns princípios essenciais fossem observados, como a importância do círculo e a criação de um contexto sagrado e focado para que a planta se manifestasse, o resto seria uma questão de estética. Para ele, a intenção é primordial, tal como em todo o trabalho mágico. Tal como a música, canções e sons sagrados. O Som torna-se a Visão. Darpan trabalha com taças tibetanas e instrumentos antigos que alteram as vibrações de quem os ouve. Mais tarde seguiu uma série de Dietas no Rio Ucayali, trabalhou com Don Juan. Reconciliou-se com a selva, onde lhe foi ensinado a preparar a bebida sagrada.

Para Kevin, o xamã Americano de que já falámos, para ser xamã é preciso estar pelo menos ao nível do coração, que é a ponte entre os chacras inferiores e os seus corpos associados e os chacras superiores com os seus

próprios corpos. Se observarmos a imagem de Cristo, da cruz, percebe-se, metaforicamente, que precisamos de manter os pés no chão, ou na terra, como as plantas, e o espírito em ligação com o céu... No meio está o coração, a porta de entrada entre os dois mundos.

Kevin foi para a América do Sul em busca da Ayahuasca, e quando chegou a Iquitos descobriu que existia um processo, um processo em que os seres humanos são ensinados por plantas e árvores (ou pelo menos o seu ser energético mais elevado). Seguiu uma dieta de 20 meses. “Os espíritos da planta entram em relação com o aluno humano. Trabalham a um nível físico, porque temos um corpo físico, mas trabalham também a um nível energético, associado aos sete principais chacras do nosso corpo. Removem bloqueios, limpam a nossa alma, preparam-nos, organizam as linhas da nossa energia, os rios de luz que fluem pelo nosso corpo. Destrinçam estas linhas e ajudam a abrir estes centros”, salienta. Este ensino não é ouvido com ouvidos físicos, mas existe uma transmissão energética, logo, uma comunicação. Uns vão ouvi-la em inglês, mas isso é apenas uma interpretação, porque a transmissão é directa.

Para Darpan, o segredo do ritual está numa “intenção mágica” e os espíritos com que se trabalha no astral. Não há uma forma certa ou errada de se fazer uma cerimónia, se houver respeito e uma intenção sincera. “A Ayahuasca é uma mãe sem rosto. Assume os traços do copo em que é vertida. É por isso que tantas igrejas sincréticas cristãs que nasceram através dela podem ter rituais diferentes e ainda assim manter a integridade. E é por isso que operadores independentes como eu criam rituais únicos. Servem uma espécie de estado de espírito que não apela tanto às igrejas. No final, não tem a ver com sistemas de crenças mas com cura, limpeza e o regresso a casa. Com o enquadramento correcto, a Mãe faz o seu trabalho a partir de qualquer sistema de crenças. Rituais diferentes terão um apelo para pessoas distintas segundo a frequência da vibração pessoal em que estão a funcionar”, frisa o australiano.

Muitas pessoas encontram o xamã que merecem – ou aquele de que precisam a dada altura. É possível que algumas pessoas precisem da experiência de serem enganados, decepcionados. O xamanismo é uma actividade marginal, no limite do *trickster*, o enganador, que tenta desmontar

todos os sistemas ou preconceitos que se tentam reter. A distinção entre xamanismo e feitiçaria é que a feitiçaria usa a linguagem para controlar e dominar a realidade, para limitar o potencial humano – como as farmacêuticas que transformam as pessoas em vítimas impotentes, criando novos síndromes crónicos, medicados com novas substâncias criadas por elas –, enquanto o xamanismo permite o acto libertador de quebrar certezas e devolver a realidade ao seu estatuto de possibilidade misteriosa e mesmo infinita....

Experiência: Cerimónia 2, Lisboa, Pucallpa Anabela

A noite já está escura. É o princípio do Outono e um ar fresco relembra que momentos de introspecção estão para chegar, com o Inverno. Anabela terminou, há algum tempo, um retiro de desintoxicação que costuma fazer na mudança de estações. Jejuou durante quatro dias, com sumos, vinagre de maçã, sementes de linhaça, argila, seiva de palma e outras bebidas xamânicas. Depois foi a um ritual de São Pedro, uma planta que trabalha de forma muito subtil para abrir o chacra do coração. Toda esta preparação é para ir para a selva, no fim do mês. Um retiro com Don Juan, em plena Amazónia, de que lhe falou uma amiga.

Resolveu, duas semanas depois do retiro e do São Pedro, voltar à Ayahuasca. Pouco tempo depois de ingerir um copo do chá sagrado, explodem mil cores a sua volta. Verde e rosa, em círculos não muito diferentes dos que se vêem no filme da Disney Dumbo, quando o elefante bebeu álcool e assiste a um espectáculo de elefantes dançantes. Tocam cornetas, e cada som que sai da corneta é uma cor viva, verde, roxo, rosa. Depois surge um comboio. Um cortejo de carnaval. O homem que conduz é alto e tem um chapéu branco na cabeça, com braçadeiras de penas brancas nos braços. O cortejo passa em frente de Anabela, e uma personagem, numa carruagem, aberta, vira o seu rosto para ela.

É uma menina negra, muito bonita, com uma maturidade e sabedoria que vão para além da sua idade aparente. Está vestida de branco, com roupas antigas. Vira-se para Anabela e acena levemente a cabeça, como se concordasse com ela, sorri e faz um gesto com a mão, em câmara lenta, de adeus. É uma princesa. Durante dias, Anabela revê esta imagem em sonho, em meditação.

Depois surge um diálogo hilariante entre o cacto São Pedro e a

Ayahuasca.

– Gostas? Estás tudo limpinho. Isto estava uma desgraça. Tu só sabes trabalhar à bruta. Viste este coração? Tu fazes tudo em geral, com grandes coisas, e não vais ao pormenor.

– Quem tem estado aqui a trabalhar esse coração sou eu.

– E os pormenores, os pormenores, Ayahuasca?

– Agora sou eu que estou aqui.

O diálogo termina e Anabela é invadida por um êxtase incomparável. Cores, energia em todo o seu corpo.

Pucallpa

Agarra-se a esta imagem, escassas semanas depois, na sua primeira cerimónia com Don Juan.

Ele cospe, vira-se, cospe, faz um ritual nas quatro direcções, os pontos cardinais. Todos ficam na semi-escuridão, à espera. El Gato, 24 anos, que toma Ayahuasca desde os 18, limpa-os um por um com tabaco, o mapacho (*Nicotiana rústica*). O seu toque é muito gentil. Sopra o fumo do tabaco no cimo da sua cabeça e nas mãos abertas. Depois fecha-lhe as mãos e encosta-as, com o fumo, junto do seu coração. Muitos já começaram a levantar-se para ir à casa de banho. Um ruído molhado: alguém vomita do outro lado da sala.

Porque tens medo? Sentes o medo no teu peito? Andas com esse medo o dia todo.

Cada vez que boceja, Anabela liberta um medo de infância. Não sabe bem o quê. Vê-se com o cabelo das fotos de quando era pequena, com calças à anos setenta, com um vestido igual ao da irmã. *Só interessa o amor.* Vê-se no país em que viveu na infância, a gritar pela janela do carro, aos 6 anos: AMO-TE, TE QUIERO, a todos os que passam.

Tu és só coração, só amor. Quando tens medo o teu coração não consegue discernir bem. Mas é com o coração que tens de decidir. Nós estamos sempre aqui, os espíritos. Avisamos-te sempre e nunca é tarde demais, nunca.

Anabela tem um filho que só falou aos 5 anos. A imagem dele sobrepõe-se a todas as outras. *Ele não falou porque estavas grávida, desesperada naquele dia, e não falaste. Meteste para dentro. Então ele não falou.* Imagens dela grávida, a chorar, só e exausta, a querer fazer as malas e partir, grávida de 8 meses. Incompreensão do pai do filho. Anabela não fala, só chora, depois passa, depois passa. Esse momento de há 10 anos está intacto ao que foi nessa altura. A memória vive ali na malloca, com a Amazónia em pano de fundo e os sapos a coaxar.

Já viste o desgaste de andar com medo o dia todo? Medo de não ter dinheiro, medo de não ser capaz, medo pelos filhos. Esse medo vai para o teu coração e não o deixa funcionar.

O medo deve ser transformado em êxtase. Podes fazê-lo quando tens relações sexuais. Quando o medo invade o coração todo, quando é demais, então o sexo transforma-o em êxtase. É por isso que surgem pensamentos de luxúria. É uma forma de transcender o medo. É um extravasar da energia do medo. Não tem que ser assim. Podes passar directamente para o êxtase.

O corpo de Anabela agita-se de um lado para o outro.

Os espíritos precisam do teu corpo para passar. Obrigado. Queremos sentir. Estás pronta para nascer?

Ao seu lado, uma rapariga começa a purgar, a vomitar, com arrotos do outro mundo, homens a passar, homens que tem dentro dela.

Está a purgar por ti. Hoje vai haver sempre alguém a purgar por ti. Nem vais vomitar. O medo passa para o êxtase através do sexo. Quando fazes amor os vossos espíritos juntam-se. Nós gostamos disso.

Sempre que abre os olhos, Anabela vê um espírito da selva, um rosto luminoso pendurado, sem traços definidos – uma espécie de quadriculado saliente, alienígena, em vez de olhos e boca. Tirem-me este medo!

Estamos a tirar os de infância, os outros tens de ser tu.

Cada vez que boceja, sopra e sabe que sai um medo, ao mesmo tempo que entra um espírito. Deixa vir os medos, nem precisas de saber o que é.

De repente, Anabela olha para o rosto de si própria, bebé. Olhos muito abertos, ansiosos. E diz para si própria: vai correr tudo bem. Num baloiço, discussões em casa, objectos voam pela janela. Acarinha a Anabela de 10 anos no baloiço, diz-lhe que vai correr tudo bem. Está prestes a casar, e sopra ao ouvido da Anabela de 22 anos, não vais casar com ele.

Anabela contorce-se. *Tens essa energia do medo a mover-te, a provocar-te desejo. Então sem medo fico sem desejo? Não, podes transformá-lo directamente em êxtase.*

Changokrana, changokrana, hahahahaha!

O xamã chama os seus aliados. O mundo dos espíritos tem regras. Ele deixa-os vir, mas com regras. Calma. Cada um da sua vez. Para cura. Não para possessão.

Deslumbra-te com as coisas, em vez de transformá-las em medo. O que tu podes mudar não é a realidade, é essa forma de energia, a do medo.

Quiero llorar lo que esta perdido,

Quiero expresar que estoy vivo,

Cada momento de mi vida

Renacer,

Lo quiero hacer,

Neste momento...

Quiero caminar sin temor alguno

Sentir me vivo por todo el mundo,

Como el viento en el bosque, y las estrellas bajo el cielo

Quiero sentir,

Quiero saborear,

Cada momento

De mi vida

Renacer

Lo quiero hacer,

Neste momento...

Quiero tomar Ayahuasca,

Para curar el sentimiento

Y aclarar el corazón

Quiero sentir,

Quiero curar-me en cada momento,

Respirar, respirar.

De donde venimos y a dónde vamos,

Buscando la luz en la sombra que tenemos

En esta vida todo es regalo, todo es regalo,

Antes de llegar a Dios, hay que aprender a ser un buen ser humano

III

Hinários: Brasil e Santo Daime

Eu sou o brilho do sol
Eu sou o brilho da lua
Dou brilho às estrelas
Porque todas me acompanham
Eu sou o brilho do mar
Eu vivo no vento
Eu brilho na floresta
Porque ela me pertence

A doutrina do Santo Daime foi fundada na década de 1930 por Raimundo Irineu Serra. Este negro de dois metros de altura trabalhava no Acre como seringueiro e guarda de fronteiras. Na fronteira com o Peru, Mestre Irineu tomou contacto, em 1918, com a bebida indígena Ayahuasca, que em língua quechua, falada pelos antigos incas, significa "cipó das almas" ou "vinho das almas". Foi através do povo Huni Kuin, da floresta, que Irineu jejuou e ingeriu o chá sagrado, iniciado por Dom Crescêncio Pizango, herdeiro dos conhecimentos do Rei Inca Huascar. Nas suas visões, uma mulher, que identificou como Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta, soprou-lhe a ideia de um ritual cristão e xamânico ao mesmo tempo.

O trabalho com a planta, ao longo do tempo, trouxe-lhe inspiração para os primeiros hinos a cantar na doutrina do Santo Daime, bem como as regras a aplicar nos rituais. O conjunto de hinos, letras de músicas mais tarde recebidas por vários padrinhos e madrinhas, chama-se hinário. A cada data corresponde um hinário determinado – por exemplo, a cada 15 e 30 do mês, concentração. Existem hinários de cura, e hinários específicos de Padrinhos e Madrinhas da Doutrina.

O Santo Daime uniu, num ritual religioso, a bebida sagrada dos

índios, a doutrina cristã e ainda entidades dos cultos afro-brasileiros. O Padrinho Sebastião, por exemplo, um dos seguidores mais importantes de Irineu, ensinou que o objectivo da prática religiosa é a experiência directa de cada participante com o divino.

O Santo Daime prevê diferentes tipos de trabalho, virados para o exterior, porque cantados e tocados. Não existe um xamã, por isso o trabalho passa pela corrente energética. Enquanto a fórmula tradicional indígena prevê a ingestão de Ayahuasca e uma entrega, no escuro e sozinho, aos poderes visionários e purgativos da planta, no Santo Daime os participantes mantêm-se o mais possível no seu lugar e poucas oportunidades têm de “viajar” sozinhos. Parece-me que este ritual – e não um culto: não se trata de uma seita nem há qualquer pressão para recrutar adeptos – é uma forma inteligente de criar um quadro seguro para levar a Ayahuasca a um maior número de pessoas. A bebida é menos concentrada e consome-se várias vezes ao longo da noite. O trabalho, como é apelidado, tem um princípio, meio e fim. Começa-se por recitar o Pai Nosso e Ave Maria, seguem-se invocações de segurança para os presentes, hinários, e um encerramento. Por vezes há um intervalo. Os participantes levantam-se, vão à casa de banho. As luzes nunca são apagadas.

Vimal Darpan – xamã australiano que trabalha há anos com a planta, que desenvolveu o seu próprio ritual e seguiu várias Dietas na selva – conta a sua experiência do ritual brasileiro: “O enfoque e intenção são diferentes do ritual xamânico da selva. Na selva, trata-se de limpar e abrir o terceiro olho para receber visões e a informação espiritual transmitida através dos ícaros cantados pelo xamã. A ênfase no Daime é abrir o chacra do coração e conseguir uma comunhão da congregação reunida, que participa, cantando”.

A mesa em torno da qual se reúnem os participantes representa geralmente uma estrela de seis pontas. Trata-se de um símbolo anterior aos judeus. Simboliza os princípios macho e fêmea que se encontram na androgeneidade: o coração. Sobre a mesa, a cruz de hastes horizontais – caravaca – significa o regresso de Cristo. A primeira haste, partilhada com a cruz tradicional cristã, significa a primeira missão de Jesus, plantar a semente da compaixão. A segunda é o regresso de Cristo, o nascimento da semente no

coração da humanidade. O nome Daime não é uma santificação da bebida, mas uma invocação: Dai-me luz, dai-me entendimento, dai-me firmeza.

Alex Polari, jornalista brasileiro conquistado pelo Santo Daime e que escreveu sobre a sua história (*O Guia da Floresta*), conta que o Daime é um caminho intenso, que atrai pessoas cujas almas estão prontas para um grande passo na evolução e precisam de limpeza para dar esse passo, com a motivação e coragem para seguirem a sua essência.

Dá-se o nome de “fardados” a quem escolhe seguir regularmente os trabalhos: vestem camisa branca e saia azul escuro na versão feminina, camisa branca e calças escuras para os homens. Nos trabalhos de “concentração”, existe um período de silêncio e introspecção para “examinar a consciência”. Há trabalhos bailados, em que os participantes se movem em passos simples de um lado para o outro. Os homens estão de um lado, as mulheres de outro, para formar o equilíbrio Yin e Yang. Visto de cima, o bailado é um verdadeiro vórtice. Nesse momento percebe-se como funciona a corrente energética. “Sair da corrente torna as coisas mais difíceis. Na corrente tudo é partilhado por todos, energias mais densas e pesadas. Por vezes passam por nós coisas que não são nossas energeticamente. Quem tem dá, quem não tem tira. É bom ter consciência desse processo e não identificar-se com ele”, refere Lizette Farinha, uma das comandantes do Daime (nome que se dá a quem dirige o ritual) em Lisboa, Portugal.

Segundo Polari, o Daime nunca será uma religião de massas. É demasiado exigente. Mostra às pessoas o que criaram falsamente na sua consciência, e numa vida que as separa da sua natureza divina. E limpam esses artifícios, sem desculpas e sem queixas.

Outra das diferenças do Santo Daime face aos rituais indígenas é a utilização da mediunidade e invocações umbanda. Num dos trabalhos, Mesa Branca, chamam-se caboclos e entidades específicas para trabalhar os presentes. Surgem então manifestações nalgumas pessoas. “No Daime passa-se tudo a que se tem direito: sofri, chorei, amei, mas Jesus eu alcancei. É como uma cebola. Vai tirando camadas à medida das cerimónias. A planta mostra-nos o disco, o padrão. Comungamos com a nossa divindade mas o Daime vai mostrar a cada um consoante o que pode entender. Vai refazer uma ordem dentro de nós, para termos consciência daquilo que precisamos de

fazer. Podemos não fazer nada, mas não podemos dizer que não sabíamos!”, refere Lizette.

Na doutrina cristã xamânica do Santo Daime, realiza-se uma síntese entre o Oriente e o Ocidente. Polari escreve que do Oriente veio o yoga, para capacitar a mente a dissolver-se no Atman, o Eu Universal. A doutrina de Cristo trouxe o caminho do perdão, do amor, da caridade, e um método de crescimento espiritual com o sofrimento e o sentimento de finitude da matéria inerente à vida. Tal como a Ayahuasca, o Daime é um acelerador cármico. Através dele, os daimistas acreditam que qualquer um, disposto a transformar-se, pode chegar ao conhecimento de si mesmo e do Universo. Trata-se de um trabalho de reunificação no Uno, no todo, e usa o corpo e a mente como ferramentas de trabalho.

No Brasil, o ritual foi legalizado depois de muitos esforços por parte dos seguidores de Mestre Irineu. Outro ritual, a União do Vegetal, foi associado a esta vulgarização da Ayahuasca. Ambos foram reconhecidos pelo seu papel fundamental nas comunidades, pelo trabalho com tóxico-dependentes e pelos efeitos na pacificação das pessoas.

Em 1984, através do CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes, órgão do Ministério da Justiça brasileiro responsável pela política governamental sobre o uso de drogas e fármacos –, foi criada uma Comissão de Trabalho para estudar especificamente a utilização ritual da Ayahuasca. Ao longo de 1985 e 1986, este grupo realizou diversas visitas às comunidades, inclusive ao Céu do Mapiá, meca da Doutrina, onde confirmou os pareceres positivos das comissões anteriores.

Foi constatado um elevado grau de organização social, solidariedade, coesão e capacidade de trabalho da comunidade. Os indicadores de qualidade de vida ali encontrados (ausência de alcoolismo, desnutrição crónica, mortalidade infantil e delinquência nulos, ausência de violência, etc.) levaram o Grupo de Trabalho do CONFEN a concluir, em 1987, que "os rituais religiosos realizados com a bebida sacramental Santo Daime/Ayahuasca não trazem prejuízos à vida social e sim, contribuem para a sua maior integração. O Santo Daime não apresenta características do abuso de drogas, na sua utilização ritual, descontínua, nem alterações comportamentais”. Lizette salienta que “é fácil tratar vícios e não passa pelo

mental, por uma pressão psicológica ou por convencer alguém. A pessoa bebe o Daime e é ele que mostra e retira as substâncias do corpo".

Um dos elementos importantes do Santo Daime é a música. Existe sempre obrigatoriamente uma viola, que trabalha tanto os participantes quanto a bebida. Para Lizette, cada hino carrega uma prece. "Às vezes não temos palavras para rezar. Os hinos dão-nos louvor, disciplina. Cada um deles chama uma energia", cita. Seguem-se geralmente os hinários de padrinhos e madrinhas, mas há sempre lugar para "puxar" outros hinos, inspirados no momento. Não é invulgar que quem toca música receba, nos dias que se seguem ao trabalho, letras para novos hinos. "Quando estou a tocar transfiguro-me. É como se fosse outra pessoa a tocar", explica Rafael, que toca viola num ponto de Santo Daime em Portugal. É das raras pessoas que toca do princípio ao fim dos trabalhos, apesar de ingerir Daime como os outros, sem qualquer hesitação.

O Daime casa perfeitamente uma inspiração xamânica com conceitos cristãos, associando sacrifício, dor e sofrimento ao trabalho espiritual de auto-conhecimento.

"O que fazemos com a energia que recebemos do Pai Criador? Usamo-la para nosso amor próprio, ou podemos usá-la para amor ao próximo, fazendo actos de amor através da acção, através da palavra, através do pensamento positivo. Quando é usada apenas para o amor próprio, a energia estagna, e não há paz verdadeira nem alegria. Se a aplicarmos dirigida para o exterior, para elementos como o reino da flora, animal ou mineral, e prioritariamente para os nossos irmãos, todos os seres humanos, ela vai multiplicar-se, conforme a intensidade que projectarmos nos outros, e acompanhando a expansão do nosso coração", explica Arsénio Gusmão, comandante do ponto de Cascais. Para este português seduzido pela Doutrina brasileira, Deus é a fonte da nossa energia. Essa energia surge sob a forma do pensamento e da acção. Transformamos essa energia pura que recebemos de Deus em energia impura usando o nosso livre arbítrio ou liberdade. Quando a usamos fora das leis da natureza, criadas por Deus, e apenas com uma intenção no amor próprio, ou interesse próprio, é o contrário do amor ao próximo, e cria-se uma dependência do gozo material". Os comandantes falam por vezes durante os trabalhos, em momentos de "subida da força", ou

seja, quando a planta começa a fazer efeito e as energias se tornam pesadas e difíceis de suportar. Aprende-se assim que o corpo é um canal, e que a transformação precisa do suporte do corpo e das emoções para surgir. “A transformação acontece numa alquimia em que surge tudo aquilo que está no inconsciente e deve vir à luz da consciência. Esta alquimia deve ser sentida e observada. É apenas mantendo essa intenção que a luz do Espírito Santo pode operar essa transformação, libertando-nos pouco a pouco. O caminho para a paz interior é a alegria constante. Toda a energia impura que está em nós deve emergir, vir pouco a pouco à luz da consciência, pois, se viesse de uma só vez, não a poderíamos suportar. Ela deve passar pelo nosso corpo emocional – se surgisse toda de uma vez, a dor, angústia e desconforto seriam tal que nos destruiriam”, frisa Arsénio.

O trabalho espiritual é difícil, porque antes mesmo de começarmos a receber, inicia-se um processo de desapego, em que largamos e desistimos de padrões e adornos do ego, antes sequer de começarmos a vislumbrar os benefícios do processo. “No entanto, é preciso criar esse espaço, entregar-se, para que o divino encontre o seu lugar. É a resistência que causa dor. A entrega permite-nos aceder à música das esferas, a Deus em nós, abrindo o coração às possibilidades infinitas que nos reserva o divino. A experiência já não é de intensidade, mas de êxtase”, diz Arsénio.

A intensidade do Daime sente-se mais na regularidade dos trabalhos, todas as semanas ou duas vezes por mês, frequência que estudos científicos revelaram ser adequada para manter constantes os níveis de serotonina, o nosso anti-depressivo natural. É um trabalho espiritual a longo prazo. O chá parece ser mais fraco, com concentrações diferentes das duas plantas sagradas usadas, a Ayahuasca e Chacrana, para permitir uma experiência mais suave.

A cerimónia indígena é mais intensa e avassaladora. As mensagens no Daime são mais subtis. Na cerimónia com Ayahuasca na selva, a experiência pode conduzir à passagem para a morte. “Entramos no mundo dos espíritos sem termos de morrer”, diz Kestembetsa, mestre Shipibo de Iquitos. No Daime, a consciência mantida através da música e participantes que cantam e bailam tornam as mensagens mais vagas, mas permitem que a planta trabalhe no corpo e inicie uma mudança progressiva, sem assustar

demasiado os participantes. Os hinários lançam uma energia de amor, do bem contra o mal, e os hinos da Ayahuasca dos incas apenas trazem a sombra para a luz, numa energia de cura, simplesmente, sem arquétipos cristãos.

Curiosamente, um dos seguidores de Irineu, o Padrinho Sebastião, introduziu a Santa Maria no ritual. Este é o nome dado ao Cannabis, que fumam nos intervalos dos Trabalhos ou no início. Os xamãs da Amazônia são contra a utilização das duas plantas, porque para eles, a Ayahuasca e Cannabis são ambas femininas e ciumentas uma da outra, o que cria problemas.

Daniel Pinchbeck, uma das vozes mais sonantes da contra-cultura actual psicadélica, estuda as ligações entre substâncias psicadélicas e xamanismo. No seu livro *Breaking Open the Head – A Psychedelic Journey into the Heart of Contemporary Shamanism*, explica a sua ligação à Ayahuasca através do Santo Daime. Apesar de não ser adepto de religiões organizadas, reconhece que o Daime é um veículo sagrado muito valioso para trabalhar com a planta. “Ultrapassei a minha resistência na minha terceira sessão, na Amazônia. A verdade sobre o Santo Daime foi-me revelada sem actividade mental ou intelectual: foi como um estado de graça. Penso que se trata de uma ferramenta profética, que ajuda ao regresso da consciência de Cristo na Terra – não como um ser individual, mas como um nível de consciência centrado no coração, com compaixão, que pode reconciliar o mundo mostrando como colocar o bem maior acima de objectivos egocêntricos”, escreve. A sua hipótese é que esta segunda vinda de Cristo representa um aspecto da realização das profecias do calendário Maia, trazendo um nível de consciência e coração superiores na Terra. “Não digo que o Daime seja O Caminho. Pode-se ser Budista e Daimista, ou várias combinações de caminhos místicos, sem violar qualquer preceito do Daime”.

Experiência: Cerimónia 3, Da selva para o Santo Daime Filomena

Filomena vai experimentar, pela primeira vez, um trabalho bailado no Santo Daime. Fez um retiro na selva, e frequenta regularmente o ritual brasileiro para manter o contacto com a planta. Torna-a mais inteligente. Dá-lhe energia no dia a dia. Por vezes dorme um par de horas antes de começar o seu trabalho ou mesmo de dar uma conferência sobre economia, e sente que o Daime é o lubrificante dos seus mecanismos cerebrais. Ali, ninguém a conhece nem sabe a sua profissão.

Naquele dia, chegou um pouco mais tarde. Todos já tomaram o seu copo de Daime, depois de recitarem um rosário abreviado. Filomena regozija-se por ter saltado essa parte mais penosa do ritual, mais cristão e invocadora de forças do pecado e do sofrimento.

O comandante troca um olhar com ela, e vai servir-lhe o seu copo. Depois assume o seu lugar nas fileiras, e inicia a mazurca, uma dança de dois passos para um lado e dois para o outro. O maracá marca o ritmo, agita o espírito da planta no seu corpo. A energia sobe rapidamente. É difícil acompanhar a letra dos hinos com o movimento. As pernas fervilham, mas a mente não desiste. Finalmente, chega a altura do segundo copo. Filomena não sentiu absolutamente nada, a não ser a energia que circula no seu corpo. Mas dez minutos depois do segundo copo, a planta sobe em flecha. A sala torna-se roxa. Os hinos aceleram. O violeiro, como lhe chamam os Daimistas, no centro da sala, parece orquestrar um mundo mágico quando os seus dedos deslizam nas cordas. Brilha com mil fogos.

Filomena olha em frente e vê os participantes ao seu lado, transformados noutros seres. Quando vira a cabeça, a imagem desaparece. Olha mas não olhes. Ouve mas não oiças. E tal como viu as imagens no canto do olho, com a visão periférica, agora sucede o mesmo com os seus ouvidos.

Começa a ouvir a música por baixo da música. Não sabe se decorrem cinco minutos ou uma hora. Balança para um lado e para o outro.

É Jesus de Nazaré...

Cada vez que volta o verso sobre Jesus, Filomena sente a planta a falar consigo, a mostrar-lhe o Cristo com uma prancha de surf debaixo do braço, a dizer-lhe: *Já viste a reputação que me dão? E lá vem outra vez.* Filomena ri descontroladamente. Sai da sala rapidamente, ri até que a vibração chocalha o seu corpo inteiro. As folhas no fundo do jardim chamam-na. Demónios com bicos aguçados e olhos brilhantes ordenam-lhe: *Vai!* Ela vomita descontroladamente e ri ao mesmo tempo. Ri como nunca riu. Alguns fiscais, as pessoas que zelam pelas Visitantes, as pessoas que participam mas não são fardadas, dirigem-se a ela para saber se está bem. Percebem que ri e afastam-se sorrindo.

Nas folhas está um templo inca, ou extraterrestre, um espaço do jardim inserido numa pirâmide verde. Olha para a sala, de fora, e vê luzes violetas a irradiar pela janela. Volta. De novo o bailado. Uma voz interior em espanhol, três índios poderosos, sentados numa clareira, olham para ela. *Não há pecado, não há sofrimento. Mantém-te alegre.*

Entre cada hino, fecha os olhos e comunica com os seus guias, ouve-os. Finalmente, um intervalo. Ela sai lá para fora, senta-se numa pedra. Fala baixinho uma língua que não conhece mas deixa-a passar por ela. O vento. De repente é o próprio vento que está lá no cimo das árvores. Sente-se soprar, fresca, entre as folhas. Volta ao local, ausente, presente. Canta ícaros da selva, baixinho. O coração vibra, é como se respirasse apenas com o peito.

A dada altura, o trabalho recomeça. Entra, sai, vomita mais três vezes, com o riso a sacudir todas as suas células. Finalmente, encerra-se o ritual, batem-se palmas, mas Filomena, depois de um momento de introspecção, no chão, recusa todas as conversas. Lentamente, pega no casaco e dirige-se para o carro. São 5 da manhã, Às 8 estará numa sala de conferências. Precisa apressar-se para poder descansar uma hora, a integração necessária para que a vibração passe no seu corpo.

Eu canto aqui na terra
O amor que Deus me dá
Para sempre, para sempre
Para sempre, para sempre

A minha Mãe que vem comigo
Que me deu esta lição
Para sempre, para sempre
Para sempre eu ser irmão

Enxotando os mau-fazejos
Que não querem me ouvir
Que escurecem o pensamento
E nunca podem ser feliz

Esta é a Linha do Tucum
Que traz toda a lealdade
Castigando os mentirosos
Aqui dentro desta verdade.

IV

O mundo dos espíritos

Acredito que o homem se habituou a este estado de consciência, esta consciência do estar acordado, mas é uma presunção pensarmos que é o único estado em que as nossas percepções são reais.

Alberto Villoldo, Erik Jendresen, Dance of the Four Winds

A Ayahuasca tem sido uma forma dos povos indígenas se conectarem com um Ser Superior Ancestral, e com a floresta e os espíritos que a animam. Foi usada para adivinhação, cura e iniciação, e também para reunir informação dos mundos físicos através do astral. Aquilo que se chama de “astral” ou reinos invisíveis é o que os povos indígenas da Amazônia chamam de *mundo real*. Este mundo físico é “a sombra” do mundo real. A Ayahuasca é usada como sacramento por estes indígenas há séculos. O interessante é que a maior parte destas tribos da Amazônia, quer estivessem em contacto umas com as outras quer não (devido à densidade da selva e vastas distâncias envolvidas), descobriram a utilização da bebida sagrada.

Muitos desenvolveram formas únicas de preparar o chá, mas todos partilham um respeito profundo pela inteligência das plantas e referem-se a ela como a mãe, Madrecita, Madre Ayahuasca. Existem tribos com grandes conhecimentos das plantas curativas, mas todas colocam a Ayahuasca no topo.

A cultura xamânica apenas recupera a primeira religião da realidade. Significa voltar à natureza, à fé sem intermediários, respirar como um só com o planeta. Os véus começam a levantar-se quando as defesas começam a cair. A mitologia reúne-nos a todos, na humanidade, e as visões vão alimentar-se dessa fonte. Cada um de nós é um universo infinito, cujos anjos e demónios são os pensamentos, as emoções, a memória, o corpo.

A experiência mística não é própria da nossa cultura. Quando se pega no copo do chá sagrado, embarca-se numa experiência sem retorno. Há uma confrontação violenta com a nossa identidade. O corpo contorce-se, os espíritos levam-nos com precaução para mundos de terror, para que tomemos consciência deles, e aceitemos olhar a sombra para nos mantermos vigilantes. As sombras virão quanto mais forte for a luz. “Sinto o sopro da loucura aflorar a minha consciência. O meu pensamento grita os seus medos: a morte, a morte, a morte”, relata Jan Kounen no seu filme "Autres Mondes". O xamã que o guia, Kestembetsa, o Shipibo, explica que o corpo físico entra no mundo espiritual sem necessidade de morte.

Na Amazônia, existe um conhecimento profundo dos mundos em que se movimentam os xamãs. “Os espíritos vivem em grupos. Se eu quiser apenas conhecer a utilização das plantas, será um grupo a ensinar-me. Outros podem ensinar-nos o que há na terra, na água, no espaço. Há espíritos comuns a todas as formas de vida. E é estando em contacto com esses espíritos que se pode conhecer tudo sobre outro universo”, afirma Kestembetsa. Daí as relações entre a dupla serpente dos xamãs e a dupla hélice do ADN (sim, o ADN, substância milagrosa que se encontra em tudo à nossa volta, e que possui propriedades electro-magnéticas) – a um certo nível, os xamãs detêm uma percepção da versão molecular da nossa biologia, que nos liga a tudo o que nos rodeia. A descoberta do ADN tem perto de 50 anos, quando os xamãs já colocavam a hélice no centro das suas imagens há milhares de anos, nos cinco continentes. A Ayahuasca conduz-nos ao mais essencial de nós próprios, no sentido próprio e figurado. É como se descêssemos ao nosso ADN.

Todos os pensamentos negativos, segundo acreditam os xamãs, são espíritos negros que nos falam, tentando provocar as nossas reacções. Os espíritos alimentam-se da nossa reactividade, e crescem mais fortes e mais gigantescos, até que nos dominam... Será assim, sugerem estudiosos da consciência, que se desenvolvem vícios e problemas psicológicos nas pessoas. Todos ouvem as vozes dos espíritos, mas convencem-se de que estão a ouvir os seus próprios pensamentos. Devemos assim escolher criteriosamente os pensamentos a que damos a nossa atenção...

Os xamãs acreditam também que em cada acontecimento

traumático perdemos parte do nosso espírito, que foge do corpo para sobreviver à experiência. E se não houver nenhum ritual para recuperar partes da alma, esses fragmentos são perdidos para sempre. Cada um possui um elemento de quem é verdadeiramente. Segundo a psicoterapeuta e curandeira xamânica Sandra Ingerman, autora de *Soul Retrieval*, os vícios, os problemas de personalidade e perdas de memória são sinais de aviso de que as pessoas perderam uma parte essencial de si próprias.

Kira Salak é um jornalista que foi testar a Ayahuasca na selva, para a conceituada revista National Geographic. O seu testemunho é mais uma experiência pessoal: “Tenho a consciência de ter perdido tanto de mim próprio. Quem serei quando recuperar todos esses fragmentos? Um arrepio de frio intenso percorre-me a espinha. Subitamente, percebo que o medo do meu amigo (o que aqui me trouxe) não existir poderá ser um pensamento criado por espíritos sombrios. Liberto esses medos e imediatamente elevo-me para um mundo cintilante. Numa nuvem cinzenta, tenho a visão de um homem de barbas brancas – Deus? Parece um Pai Natal gigante. Embora saiba que é uma invenção estereotipada da minha mente, há uma espécie de destilação de algo completamente para além da minha percepção, e é estranho estar a falar dos meus problemas com ele”.

Os xamãs dizem que, durante uma sessão de purga com Ayahuasca, não estão a trabalhar com o conteúdo das alucinações de alguém, mas a visitar essa pessoa no plano de realidade onde se encontra o seu espírito. Não estamos limitados à realidade dos nossos cinco sentidos, podendo transcendê-la para entrar num universo multidimensional. A sua perspectiva não é muito diferente da de cientistas da Física Quântica, como David Bohm, que descreve um universo holográfico que coexiste com a realidade.

No mundo xamânico, há um número infinito destes reinos, distintos e habitados por seres com aparência, capacidades e hábitos definidos. Para tornar-se um mestre é preciso negociar com esses mundos, conseguir o apoio de vários seres, sentir-se confortável a trabalhar em locais de sombra e luz. Há sem dúvida um céu e um inferno, aliás existem mesmo vários níveis e manifestações de cada.

Para a mente ocidental, as noções de viagem ao mundo dos espíritos e realidade multidimensional são um desafio para a imaginação.

“Não acredito que haja seres e criaturas como nós noutros reinos”, escreve Benny Shanon, Ph. D., professor de psicologia na Universidade Hebraica em Jerusalém. Bebeu Ayahuasca em mais de 130 cerimónias e estudou visões, produzindo um dos livros mais exaustivos sobre o assunto, *Antipodes of the Mind*, em que conclui que as visões são simplesmente alucinações de um nível elevado. “Com a intoxicação induzida, a imaginação das pessoas e os seus poderes criativos são exacerbados. Assim, as suas mentes criam imagens fantásticas. São reflexos extraordinários dos conteúdos do inconsciente.

Grob, um dos cientistas mais conhecidos associados à Ayahuasca, psiquiatra, com estudos na UCLA dos EUA sobre a planta, confirma esta análise mas acrescenta que muitas visões são inesperadas e não reflectem experiências pessoais. As pessoas passam por experiências espirituais muito profundas. Este é o ponto de viragem fulcral entre a ciência ocidental e cultura analítica do nosso pensamento e a cultura e misticismo indígenas: a noção de experiência espiritual.

Os pesquisadores sobre Ayahuasca concordam que a bebida parece ter efeito nas pessoas em três níveis diferentes – o físico, o psicológico e o espiritual –, o que complica um inventário dos seus efeitos concretos, quanto mais dos seus benefícios terapêuticos. “Mesmo do ponto de vista da medicina ocidental e psicoterapia, torna-se claro que ocorrem curas físicas e resoluções de dificuldades psicológicas com esta poção”, escreve por sua vez Ralph Metzner, psicólogo e autor do livro *Sacred Vine of Spirits*.

Don Pacho compara muitas vezes o yagé a um animal selvagem que deve ser abordado com muito cuidado, e que não nos deixa ter um contacto total até nos conhecer muito bem. Para este xamã podem decorrer-se meses, ou mesmo anos, em que se bebe yagé todas as semanas, antes de ter a experiência de todos os seus benefícios. Os aprendizes devem beber muito tempo antes de se tornarem visionários, e podem decorrer décadas antes de dominar o espírito do yagé.

Para outros, a bebida assemelha-se a alguns psicadélicos, nos seus padrões visuais e imagens de sonho. A diferença é que as visões mais significativas não são apenas induzidas bio-quimicamente. Pelo contrário, a Madre remove bloqueios físicos e emocionais que nos impedem de ver o mundo dos espíritos à nossa volta. Em estados que precedem o sono, por

exemplo, é possível ter visões breves, semelhantes às da planta. Estas experiências espontâneas (e o facto de alguns yogis disciplinados e pessoas com dotes psíquicos terem acesso regular ao mundo dos espíritos) sugerem que pode ser possível ter visões sem a Ayahuasca.

Muitas religiões apregoam que deve-se purificar o corpo e entregar o ego para atingir o divino – ou morrer para renascer. No Ocidente, ensina-se que o caminho da iluminação está na purificação da alma, negando o corpo. No Leste, disciplinas tântricas e do yoga ensinam que não há separação entre a matéria e o espírito, e que é com a purificação de ambos, corpo e mente, que nos podemos abrir ao espírito. Os estados extáticos de consciência com Ayahuasca devem associar uma purificação física e uma morte do ego terapêutica.

A grande virtude dos rituais com a planta é que se trata de um caminho relativamente autónomo e auto-regulado para o êxtase espiritual e a iluminação. Exercícios físicos, meditações e disciplina mental funcionam para yogis, mas poucos têm a paciência, hoje, para passar décadas a trabalhar para dominar estas práticas e alcançar visões de Êxtase. Com as plantas medicinais, é possível purgar o corpo vomitando e com diarreia, com visões garantidas em pouco tempo.

Não é preciso muita força de vontade para manter-se no processo, como nas práticas de yogis e tântricas. Basta beber o chá, e não há retorno num processo de transformação intenso. Quando se ganha coragem para beber suficiente Ayahuasca, há uma purificação do corpo e mente do interior, mas também uma viagem alucinante pelas portas da percepção. Porque é que a purificação do corpo abre o caminho para o êxtase? As pessoas com mais dificuldade em chegar a esse estado são pessoas com mentes hiperactivas, e esse sentimento irrequieto é um sub-produto directo de uma poluição física devida a aditivos químicos, excesso de alimentos e poluição do ambiente. Depois dos corpos limpos deste excesso de poluentes – com jejum, meditação ou purgas – as mentes hiperactivas tornam-se mais calmas e claras, permitindo-nos ver ou sentir a energia do espírito por detrás da matéria densa.

“A cada 30 ou 40 experiências há uma passagem, e para enfrentar o medo que nos retém, o xamã força a porta. E temos de passar”, explica Jan Kounen, o realizador francês. Um dos extras que apresenta no seu filme é

uma viagem de uma noite com Ayahuasca, feita por si, em que se contorce e exprime um sofrimento que dissuade qualquer espectador da experiência... “Pode não parecer, mas assim cheguei ao êxtase”, explica com um sorriso.

Experiência: Cerimónia 4, Pucallpa Pedro

Pedro escreve uma carta. É como se toda a vida tivesse esperado por este momento. É como se tudo o tivesse trazido até aqui. Normalmente, com as namoradas, fala, fala, e elas apenas ouvem. É como se tudo culminasse neste momento, tu e eu. Porque sempre nos percebemos. Nunca te esqueci. Não nos deixaram despedir-nos um do outro. Essa era a mulher da sua vida, mas encontrou-a num tempo e espaço em que nada podiam fazer.

Foi com a mulher com que dormiu uma noite apenas que teve um filho. Só o soube um ano depois. Ela veio entregar-lho. O problema era que ele estava casado e com outros filhos. A sua mulher estava grávida, e quando recebeu o bebé de um ano que não era dela, disse-lhe, porque tinha bom coração, que não estava grávida dele.

– Assim, estamos quites. Temos os filhos dos dois, e cada um tem um filho do outro. Não me importo de educar o teu filho, na mesma medida em que educares o meu.

– Como vamos registá-los?

– Em nosso nome. Ou então fica cada um com o seu: não há obrigações.

– Não, isso não.

A verdade é que deixou a mulher com os filhos e mesmo o seu, para além de grávida do dela. Talvez aqui pudesse retirar algum sentido das coisas. Todos estes filhos, nascimentos, transformações rodopiam na sua mente num bailado infernal, depois de quatro cerimónias com Ayahuasca.

Quanto mais lenta é a respiração, maior o espaço entre os

pensamentos. Como? Está no seu tambo, e alguém lhe soprou ao ouvido. A planta? O seu Ser Superior? Às vezes apetece-lhe parar de respirar para ficar nesse espaço entre pensamentos. Para sempre. Foi um pouco isso que veio fazer aqui. Não sabe como, mas precisa de regressar como outra pessoa.

Pedro usa o seu lado feminino nas conquistas. Outros amigos o fazem. E depois surge o seu lado masculino, feroz, agressivo, quando elas já estão nos seus braços. Sabe de mulheres que não gostaram disso. Mas ele apenas se deixa conquistar, depois de fazer belos discursos, porque é irresistível ter uma mulher a desejar-nos.

Don Juan veio visitá-lo à tarde. Vê-o descer o caminho, de tronco nu, com a toalha à volta da cintura. O seu rosto respira bondade.

– Así es la vida. – Explica a Pedro que é bom ter uma intenção para os rituais, mas algo geral.

Pedro acende uma vela e incendeia pau santo, porque os mosquitos e moscas estão a abusar. O cheiro da parafina lembra-lhe como a avó apagava sempre as velas com um apagador dourado, comprido, ou molhando os dedos.

– Não se sopra! Atira parafina para todo o lado e fica um fumo preto!

Don Juan explica que muitas das visões são simbólicas. Há poucas ayahuasqueras porque estão mais ocupadas com as crianças e a casa.

– Que resultados podemos esperar? – pergunta Pedro.

– Ficar mais abertos, com uma energia mais fina, para encontrar um trabalho melhor, ter a mente mais clara. A energia do grupo torna-nos muito íntimos, porque vomitamos juntos. Cria-se uma verdadeira amizade.

Pedro volta a ficar só. O sabor da planta volta-lhe à garganta. Uma imagem. Ele próprio, criança, numa festa. Dá a mão a uma rapariguinha, a sua primeira namorada. Escondem-se, rebolam no pó. Recorda a cerimónia da noite anterior. Sentiu a terra, foi uma planta, a crescer. Sentia insectos a

caminhar sobre as suas partículas. *Vamos continuar a trabalhar contigo durante o dia.*

Ele tem medo de fazer perguntas, já não sabe quem responde. Ou tem medo da resposta. *Queres ver a tua morte? A da tua mãe? Vê a mãe numa cama, deitada, a distribuir coisas por ele e pelos irmãos. Não!*

Mesmo que eu não seja importante

Fi-lo brilhar

Fiz brilhar os seus pensamentos

O Universo harmoniza-se

A palavra cumpre-se

E isso, até ao infinito

V

Visões extraterrestres e cosmologia indígena

Qualquer tecnologia suficientemente avançada confunde-se com magia.

Arthur C. Clarke, autor de ficção científica e futurólogo.

Para muitos, as plantas mestras foram deixadas no nosso planeta para a evolução do homem. Para além do mundo dos espíritos, haveria também um mundo de extraterrestres. Grandes civilizações como a maya, tihuanaco e inca tiveram contacto com estes seres. O Peru é, em si, um sítio de mistérios, com os desenhos gigantes de Nasca no deserto, a 450 quilómetros de Lima e perto do Oceano Pacífico. Um enigma arqueológico que apenas se vê do céu: gigantescas figuras de animais e insectos, que poderiam ser pistas de aterragem para outra civilização.

Para ayahuasqueros como Pablo Amaringo, pintor conhecido de visões da Ayahuasca, os mayas prepararam-se e partiram para outros planetas, mas estão prestes a regressar. Numa cerimónia e em estado avançado de mareação, é possível ver os seres nas suas naves. As naves espaciais são um elemento importante da cosmologia indígena. Vários xamãs garantem que os extraterrestres lhes ensinam canções de poder e lhes dão informação útil para ajudá-los a curar os doentes.

Pablo Amaringo é uma das figuras conhecidas do mundo da planta, como pintor de renome, ao mesmo título que Tito La Rosa, na música. São xamãs que entraram no curanderismo pelos seus dons de artistas e traduziram a bebida sagrada em obras importantes. Pablo tomou a Madre aos dez anos e foi curado de uma doença do coração por ela. Foi xamã muitos anos, mas em

1977 abandonou esse caminho, tornando-se pintor a tempo inteiro e professor na escola Usko-Ayar. Publicou um livro chamado *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*.

Quando a curandeira que curou a sua irmã lhe deu Ayahuasca, Pablo viu uma enorme nave espacial, com um ruído estrondoso, que o fez entrar em pânico. Don Manuel Amaringo, o irmão mais velho de Pablo, tem uma história semelhante. O principal ícaro que usou para curar muitas pessoas foi-lhe ensinado por uma fada chamada *Altos Cielos Nieves Tenebrosas*, que veio numa nave azul. Perguntou-lhe: Queres ouvir a minha canção? Cantou e essa canção ficou no coração de Manuel.

Pablo não comenta muito sobre as naves que pinta profusamente. Apenas diz que podem assumir várias formas, atingem velocidades infinitas, e podem viajar por baixo de água ou debaixo da terra. Os seres que viajam nelas são como espíritos, com corpos mais subtis do que os nossos, que aparecem e desaparecem de livre vontade. Vêm de civilizações extraterrestres avançadas, que vivem em harmonia perfeita. Pablo viu, nas suas viagens com a planta, que os Mayas conheciam a bebida e a dada altura deixaram o planeta. Algumas das naves vistas hoje são pilotadas por sábios Maya.

Uma antropóloga alemã falou deste fenómeno. Em 1981, quando realizava um estudo em Caimito, aldeia Shipibo no rio Ucayali, os índios queixavam-se de luzes que viam há meses e julgavam vir dos brancos. Quando se aproximavam das luzes, elas desapareciam. Várias vezes, a antropóloga viu estas luzes, a 400 metros, um metro acima do chão. Não encontrou explicações lógicas. O xamã acalmou as pessoas, dizendo que numa visão de Ayahuasca tinha visto que se tratava de uma nave dourada com grandes luzes e assentos ricamente decorados. "O piloto, um Inca, traz as roupas dos brancos ou a cusham inca tradicional. O tempo ainda não chegou para falar, mas querem aliar-se connosco para vencer os brancos e mestiços, e estabelecer um grande império, vivendo da forma tradicional, com as comodidades dos Incas e dos brancos." (Gebhart-Saver, 1987).

O missionário Francisco de San José relata também, em Agosto de 1767, na intersecção dos rios Pozuzo e Ucayali, um episódio extraterrestre. Estavam cercados por um grupo de Conibos que os atacavam com flechas, a que respondiam com tiros. No meio da batalha, viram um globo de luz mais

brilhante que a lua a voar para os Conibos, iluminando tudo à sua volta. Estes abandonaram as flechas e fugiram.

Os extraterrestres estariam em contacto com os nina-runas (povo do fogo), que vivem no interior dos vulcões. Comunicam telepaticamente uns com os outros. Apenas alguns vegetalista escolhidos podem contactar com eles para conhecerem canções de poder e informação útil para curar doentes. Um xamã, Don Manuel, tio de Pablo, conta: “Sabem quando eu tomo Ayahuasca. Vêm e cantam. Querem levar-me com eles, mas não quero, porque estas pessoas comem-se umas às outras. Tentam assustar-me movendo a terra ou derrubando árvores. Quase me fizeram enlouquecer, mas não se aproximaram mais porque soprei-lhes tabaco”.

Os xamãs poderão estar simplesmente a apropriar-se simbolicamente de inovações de que ouvem falar, usando-as como metáforas para explorar o mundo dos espíritos, aumentar os conhecimentos ou defender-se de ataques sobrenaturais. Os xamãs Shipibo recebem livros em que podem ler o estado dos doentes, conhecer remédios ou viajar em naves para o fundo dos rios para recuperar caya, a alma das pessoas. Um vegetalista de Iquitos refere que, para além de anjos com espadas e soldados com armas, possui um jacto que usa quando atacado por feiticeiros. Outro explica que recebeu, em visões, chaves mágicas, para conduzir carros magníficos e aviões de todo o tipo.

Voar é um dos temas mais recorrentes no xamanismo em qualquer lugar. O xamã pode transformar-se em pássaro, insecto ou ser com asas, ou ser levado por um animal ou ser para outros mundos. As naves poderiam ser uma metáfora para a evolução espiritual noutros mundos. No entanto, mesmo em tribos amazónicas completamente isoladas, há muitas vezes a ideia de um xamã que chega ao céu e caminha com seres celestiais, ou estes a descerem para o local da cerimónia.

No mundo ocidental, a ligação entre ovnis e alucinogéneos com triptamina foi apontada por Terence McKenna. A imagem de naves é citada por pessoas que tomam psilocibina para entretenimento. Outras histórias de extraterrestres surgiram de ocidentais que tomaram Ayahuasca, psilocibina cubensis ou dimetiltriptamina pura. Os ovnis são manifestações físicas que não podem ser percebidas fora da sua realidade psíquica e simbólica.

Experiência: Cerimónia 5, Pucallpa Miguel

Miguel, imaturidade cansada, paternidade adiada, espera, suspirando, o efeito do seu copo de Ayahuasca. Nada muda durante algum tempo, até que sente os pensamentos da sua vizinha. Está farta de bichos, de cheirar mal. Miguel lembra-se das palavras de Don Juan.

– O cheiro está sempre lá, nós é que não estamos em sintonia connosco. É como a nossa negatividade: tem de sair.

Miguel percebe de repente que a natureza fala, tem uma linguagem. Os indígenas ouvem essa voz. Tomam a bebida porque ficam com o cheiro da planta e é mais fácil caçar quando os animais não sentem o cheiro humano. Ele próprio já consegue distinguir mais ruídos na selva, é verdade. Ouve roncões, grunhidos. Sempre estiveram lá mas ouvia-os num pano de fundo indistinto.

Um impulso: escrever. Miguel acende uma luz minúscula e aponta-a para o seu caderno. Mal consegue segurá-lo, porque a planta está a subir com toda a sua força. De repente, começa a ver linhas amarelas no papel. Linhas por detrás das fibras da folha. E então, com uma minúcia incrível, desenha-se uma pequena nave, com um extraterrestre nela, a olhar para ele. Tem uma cabeça enorme e olhos enormes e um corpo minúsculo. Abre a boca para falar. Ao seu lado, na folha, um ser mais comprido, com rosto cheio de quadrados e uma cabeça alongada. Surgem também símbolos no papel, mas Miguel está incapaz de escrever seja o que for.

Podes fazer várias coisas em simultâneo. Podes estar aqui e noutra sítio, estar a trabalhar num lado e noutra. Tens de dominar essa técnica. Estás aqui mas estás também no teu futuro.

O seu cérebro parece-lhe ser um conjunto de circuitos onde se estão a estabelecer novas ligações. Estão a acender-se luzes em novas áreas.

No dia seguinte, tenta integrar a experiência. O tempo passa devagar. Vai-se lavar a alma à Quebrada, o rio que atravessa o acampamento. Os sentimentos dissolvem-se na corrente. Os insectos também estão fartos da sua presença, e rodopiam com moleza, picando sem entusiasmo. Miguel passa horas a ler ao sol, mas afinal são só duas horas.

Os passos são lentos, a tensão baixa. Cada degrau cavado na encosta tira-nos o fôlego, pensa. Muda de t-shirt, mas chega à conclusão que é ele que cheira a suor, por mais que ponha roupa limpa. Bebe mais Bobinsana, o chá que lhe deram. Ajuda-o a estar presente e não confundir ontem com hoje. Cruza-se com outros participantes, mas as palavras hoje são escassas. Noutro dia, Miguel tentou consolar outra pessoa, e a sua energia dissipou-se. Absorveu a tristeza alheia para além da sua própria. Hoje nem os olhares se cruzam, tomam banho no rio sem um ruído. Não é suposto estar ninguém bem, então para quê perguntar "Tudo bem?". É suposto libertar a negatividade, tal como os odores desconhecidos do corpo, desprovido dos seus cosméticos artificiais que abafam os sentidos. Hoje nem queria tomar banho, mas é das poucas actividades que a alma agradece, pede e sabe que a engrandece.

Madre Ayahuasca

Lleva-me hasta el sol

De la sogá de la tierra haz me beber

Lleva me contigo hasta el sol

El sol interior

Hacia arriba

Hacia arriba subiré

Madre

Usa-me

Enseña-me

Enseña me a ver mas allá

Madre

A ver al hombre dentro del hombre

A ver al sol dentro y fuera del hombre

Enseña me a ver, Madre.

Usa mi cuerpo

Haz me brillar

Con brillo de estrellas con calor de sol

Con luz de luna e fuerza de tierra

Con luz de luna y calor de sol

Madre.

VI

A cura

Descobri que nunca tinha habitado o meu próprio corpo nem deixado a infância. De repente, estou no coração da experiência. As visões são demasiado fortes. Tento, em convulsões, escapar a todo o pensamento, para não enlouquecer, para ficar no momento presente. Tenho pensamentos que nunca tive. As verdades transformam-se em mentiras assim que as tento capturar. Tenho a sensação de estar a aceder a desejos ocultos, pulsões secretas, uma cascata infinita de mecanismos psíquicos sobre aquilo que sou ou devo ser. Mas apenas posso sentir o sangue a correr nas minhas veias, sentir o mais ínfimo dos meus músculos, enquanto as visões aumentam e se expandem ao ritmo dos ícaros. A minha identidade desdobra-se nessas imagens percebidas como conceitos cognitivos impossíveis de captar pelo pensamento.

Jan Kounen, filme "Autres Mondes"

Apesar dos aspectos visuais que uma viagem com yagé proporciona, é muito duvidoso que se torne alguma vez um psicadélico popular. Envolve demasiado sofrimento físico e introspecção interior para poder entrar no reino das drogas de entretenimento. Mesmo para alguns psicólogos contemporâneos, que conhecem a capacidade da planta para revelar e transformar problemas emocionais profundos, os efeitos secundários limitam a sua utilização.

A primeira vez que se ingere a bebida, nem sempre se consegue estas visões, porque estas são obscurecidas pela náusea, medo e confusão mental. Além disso, é preciso tomar um copo bem cheio, e isso requer coragem. Por vezes passa-se também por um processo de cura intensa, algumas sessões, meses ou anos, para chegar ao universo inteiro de visões. Por vezes a purga não diminui, pelo contrário, esta vai cada vez mais fundo e só depois de um tempo se conseguem visões sem grande sofrimento. A agonia não é provocada pelo processo de evacuação mas pela resistência a

ele, por isso, pode tornar-se mais fácil.

Segundo explica o australiano Darpan na revista *Undergrowth*, a Ayahuasca é usada como ferramenta de diagnóstico. Se o xamã quer saber como curar uma pessoa, então ambos tomam a bebida e durante o transe em que entram é revelado ao xamã que ervas especiais podem ser receitadas para a cura, e que outros procedimentos podem ser observados. A planta é um canal através do qual o xamã acede a ajudantes espirituais e aliados na cura. “Estes ajudantes podem ser vistos como uma 'ecologia de almas' em vez de entidades individuais. No meu caso, já assisti a curas profundas nas sessões. O crédito não é meu, é um fenómeno de cura espiritual. Apenas crio o contexto em que o Espírito pode manifestar-se como purgador e curador”, diz.

A planta trabalha de forma muito pessoal. A trepadeira tem um sentido inato de como relacionar-se com cada indivíduo de forma única e íntima. Para Darpan, ela parece conhecer as nossas zonas de conforto e esticá-las. “Na minha experiência, ela nunca nos dá mais do que aquilo com que podemos lidar... por vezes é com êxtase, abrindo-nos a todo o tipo de informação incrível, e por vezes mostra-nos como ainda estamos inconscientes e pode ser um desafio. Ficamos num transe lúcido e de sonho, mas numa fase de transição a percepção passa para outras dimensões. Depois de estabilizada esta zona, desenvolvem-se as visões. Algumas pessoas pela sinestesia ou audição, outros sentem energias e têm revelações profundas”, salienta.

Assim, a planta funciona como uma inteligência multi-dimensional. É curadora, professora e navegadora em muitos mundos que coexistem com o nosso. Pode dar-nos informação incrível sobre nós próprios, o ambiente, e uma perspectiva galáctica, dependendo de onde se está e como ela nos vai abrir. Tudo depende da intenção. A planta sabe o que fazer para obter um resultado máximo, e isso nem sempre é uma experiência confortável. “Como protocolo para trabalhar com Ayahuasca para cura e transformação, aprendi a fazer perguntas à planta. Uma vez perguntei como recalibrar o fluxo de energia no corpo de um amigo e ela mostrou-me o fluxo de chi e onde estava a obstrução. Foi como olhar para uma corrente de água. Se puder imaginar o que acontece quando cai um ramo para a água, a forma como esta se move à

volta do objecto, pois é assim que o campo de energia me apareceu. Usei simplesmente a minha voz para dissolver o bloqueio. Bastou a minha intenção e o meu próprio som”, conta.

Ele descobriu também o poder da oração, simples e sincera, para além das palavras, língua ou tradição, porque tudo está na clareza e sinceridade da intenção. É por isso que copiar xamãs e as suas técnicas de cura pode não funcionar se não se estiver sintonizado na profundidade da sua intenção. Alguns xamãs usam a Ayahuasca para cura e transformação, outros para adivinhação, outros para iniciação e ver o futuro, e outros ainda para prejudicar alguém.

“Para mim, a planta é uma experiência muito feminina, e sempre vi a Terra como a mãe. As plantas têm raízes na terra. Não as temos, mas temos ligações psíquicas. Uma das grandes prendas da medicina, para além das visões e informação, é o sentido de não-separação, a ligação total com todas as criaturas e animais e plantas e insectos que formam Gaia na sua totalidade multi-dimensional. Somos apenas aspectos dessa consciência de Gaia, seres que caminham e falam, olhando para nós de milhões de formas diferentes e com um milhão de olhos diferentes, estamos inconscientes disso porque temos um ego que nos separa de todo o resto”, relata Darpan. A medicina dissolve este véu e é algo muito feminino.

Quem bebe pela primeira vez, verá que a planta se dirige ao primeiro bloqueio que aparece nos chacras. Se houver um problema no chakra base, traumas de infância, problemas de autoridade não-resolvidos de algum pai, a planta começará por ali. Quando se vomita, é possível que se tenham visões de como e quando esses problemas surgiram.

É uma oportunidade para trazer aquilo que estava inconsciente para a luz da consciência, experienciá-lo e deixá-lo ir, como explicava num capítulo anterior Arsénio Gusmão, praticante de Santo Daime.

Isso pode suceder para acontecimentos desta vida, ou de vidas passadas. A purga é uma mini-catarse, em que se deixa ir o programa ou implante original e aquilo que o tem mantido no lugar. O trabalho é rápido e intenso. “Precisamos da Ayahuasca e outras modalidades semelhantes para acordar, não há tempo para ficarmos numa caverna durante anos, olhando

para a parede e focando-se no terceiro olho. As coisas têm de acontecer agora, e rápido, porque o espírito evolutivo está a acontecer rápido neste planeta agora mesmo”, diz Darpan.

A cura pode ser também um ensaio para a morte. Dá-nos tempo para fazermos as coisas adequadas, ensina a arte de morrer. Sempre que se toma uma dose mais forte, há a experiência de dissolução, o que pode ser assustador. É a morte do ego. Depois de habituar-se ao processo, pode ficar consciente e presente. E depois descobre-se que se estamos preparados para morrer para o falso eu ou ego, renascemos magicamente numa versão vibratória mais elevada de nós próprios, em que continuamos a estar operacionais num plano tri-dimensional e ainda consciente e em interacção com outras dimensões.

Para este australiano, temos de ser testemunhas desses processos. “Se vir demônios a beber sangue de caveiras humanas, limite-se a observar! Não se sinta atraído por visões magníficas nem repellido pelas terríveis. Observe, sabendo que se trata de uma extrapolação da sua própria consciência. Não há perigo, então. Se for difícil manter-se consciente, lembre-se do seu mestre, seja ele quem for para si”.

Esta experiência do momento presente é difícil. O cérebro humano não está preparado para lidar com as grandes questões, para perceber, por exemplo, a infinidade, porque é preciso um estado de consciência que tem lugar para além da mente no momento suspenso do Agora. É preciso estar confortável com a noção de Não Saber, entrar no Eu Não Sei, aceitar o mistério. A vida não é um problema a resolver mas um mistério a viver.

O conceito de cura é complexo. Para Kevin Furnas, já citado, possuímos um corpo físico do qual a ciência moderna está consciente. Mas a nossa matriz energética não é conhecida. “No nosso corpo temos rios de luz que fluem em nós e estas cruzam-se 21 vezes num chacra maior, ou olho de luz, como lhe chamam na Amazónia. É um ponto de energia receptor. Cada chacra processa frequências de vibrações diferentes”, refere. A energia de fora entra nos nossos chacras como percepções, transformadas depois em memórias. Aquilo que somos é uma acumulação de memórias. O ser humano é feito de diferentes corpos energéticos que se sobrepõem, com qualidades diferentes e aplicações distintas. Os mais elevados estão numa frequência

vibratória completamente diferente, como o coração. “Uma árvore também tem chacras, de forma diferente. Espíritos diferentes podem viver numa árvore, enquanto nos humanos vive apenas um espírito. Numa árvore, os chacras movimentam-se e os seus corpos energéticos existem numa frequência muito mais próxima do reino celestial”, diz.

Assim, o ser superior energético da árvore está bastante avançado e é muito inteligente e sábio, apesar da sua aparência ser simples no nível físico. No sistema Amazónico, os seres superiores de plantas e árvores decidiram entrar num acordo com seres humanos, para ensiná-los. Durante uma Dieta, o ser humano é treinado. Os seus pensamentos são guiados, algumas memórias são trazidas para libertar traumas.

Para Wilbert Alix, especialista em Trance Dance (outra prática, neo-shamânica, de entrar em transe) é difícil para o ego manter-se firme. Há um ataque frontal. “O único caminho é enfrentar e andar em frente. A cura é um subproduto de algo mais: a evolução espiritual”, afirma.

A cura não é um acontecimento, mas um processo. Ninguém sabe quanto tempo dura. “Não a reduzam a um momento pontual. Para curar uma ferida esta deve estar aberta, é preciso tornar-se vulnerável, emocional”, salienta Alix. Quando passamos por uma experiência avassaladora, a cura acontece, mas não sabemos como. É esse o mistério. Confia-se que existe uma força superior, e ao permitirmo-nos ser afectados por ela, é sempre algo profundo. “Como facilitador, apenas monto o contexto, o cenário. É como se combinasse um encontro entre duas pessoas”, explica. Um xamã nunca assume o que sabe – deixa que a experiência o revele, porque de outra forma estaria a violar a relação do participante com o seu ser superior. A transformação pessoal é a cura. É preciso começar a confiar que existe uma relação com o nosso eu superior que nos vai guiar para onde precisamos ir.

Experiência: Diário de viagem de Rui Bizarro, Julho de 2007

Primeira vez

Ao fim de aproximadamente uma hora e da segunda dose é que comecei a sentir os efeitos da Ayahuasca. Senti-me sem muita força, uma enorme leveza me transformava em água. Entretanto comecei a ver algumas imagens geométricas, mas não muito claras, de cor verde e vermelha, que pareciam pequenos vórtices.

Tentei vomitar e consegui. Mas só um pouco. A sensação era de um grande bem-estar, dando-me vontade de rir de tão bem que estava. Esta primeira experiência foi essencialmente ao nível das sensações, uma vez que não tive grande visualização de imagens.

Estava muito sensível à luz. Quando alguém ia lá fora e acendia a lanterna, eu focava de imediato o meu olhar, pois essa mesma luz que iluminava as árvores provocava um efeito que nunca tinha visto. Parecia algo completamente mágico. De onde eu estava sentado, por vezes, também olhava lá para fora, para as árvores, para as estrelas e para a lua, pois o espaço alterava-se e a imagem tornava-se mágica, incrivelmente bela.

A dada altura tive alguns vômitos maiores que o primeiro. E foram os últimos. Custa sempre um pouco, parece que vem de dentro, do mais fundo e recôndito do nosso corpo.

Parecia ter passado o efeito, fiquei sentado e tranquilo, mas o grupo continuava no seu processo. Ainda estive assim algum tempo, mas depois consegui visualizar algumas cores, parecendo retornar o efeito, mas foi durante muito pouco tempo.

O sabor da Ayahuasca não é assim tão mau quanto imaginava. Lembra o sabor de um chocolate extremamente forte e amargo.

Segunda vez

A experiência começou quando visualizei umas figuras geométricas, umas cilíndricas, outras circulares. Todas se pareciam mover. Era como se eu tivesse entrado num mundo psicadélico, com várias cores, mas as predominantes eram o verde e o vermelho. Eu navegava naquele mundo, como se me pertencesse. Parecia um mundo psicadélico a três dimensões, muito semelhante às pinturas que os xamãs fazem e elaboram nos seus tecidos. Ainda estive algum tempo neste mundo.

É de salientar também que a mensagem inicial que tive foi: "Não tenhas medo; não é preciso ter medo; ter medo de quê?", como se uma voz me estivesse a falar.

Entretanto retornei novamente a um estado de consciência dito "normal", e lembro-me de pensar no seguinte: os efeitos em mim são sempre rápidos, mas já valeu a pena só por ter entrado naquele mundo psicadélico.

Fiquei tranquilo, a perceber que o grupo ainda estava sob o efeito, e passado algum tempo, e de uma forma inesperada, apareceu-me a minha antiga namorada, com a qual terminei há pouco tempo uma relação de dez anos. Esta surgiu-me, de uma forma imparcial, mas muito marcante, e disse-me que tinha ficado sentida comigo, mas que me perdoava. E não me disse mais nada, nem eu consegui perceber mais nada. Mas a imagem dela ficou-me gravada na memória até ao momento, como se tratasse de uma imagem real.

Os efeitos começaram outra vez, mas desta vez bem mais fortes que no início. Visualizei uma cama de trapézio a 3D, como se fosse uma matriz, ou uma representação de um buraco negro da física, e aí percebi claramente que se tratava da morte. Não é que eu tivesse visto a minha forma de morrer, apenas percebi que aquela situação era a morte. A vivência da morte. No entanto, não me assustei. Foi uma sensação de que tudo ia acabar. Mas havia algo dentro de mim que sabia que aquilo não era o fim, nem muito menos o meu fim. Talvez tenha sido essa autoconfiança que esteve presente do princípio ao fim que me tenha feito a experiência correr muito bem.

Depois a experiência durou bastante mais tempo, e era como se eu estivesse a fazer uma viagem por um mundo completamente desconhecido, mas nada daquilo me parecia alucinações, e sim um mundo alternativo, paralelo ao nosso e bem real.

É como se a minha consciência se tivesse aberto como um leque e com esse leque aberto existisse uma infinidade de mundos aos quais eu pudesse ter acesso.

Tudo parecia dinâmico dentro de mim, tudo fluía, tudo ondulava. Eu senti que interiormente tinha feito um “looping”. A sensação de tudo isto até era agradável, tanto é que, por vezes, me ria de prazer, mas ao mesmo tempo tornava-se desconfortável, porque não há forma de controle, temos que confiar e deixar-nos levar até ao fim, sem resistência e depois porque a sensação é de que nunca mais acaba.

As mensagens que fui ouvindo foram: Nós somos tão pequeninos; isto é completamente diferente de tudo que já vivi até agora; é neste mundo que se pode explicar a física quântica.

De facto, com esta experiência tive a percepção de que existem mundos paralelos a este. Eu não tive alucinações, tudo me pareceu bastante real. Só que nós desconhecemos e negamos tudo isto porque simplesmente não vemos. Mas eles estão lá. Sempre. É como se me tivesse aproximado da matriz. Da matriz existencial. Da matriz da vida.

Chega a noite. Todos os mistérios parecem despertar. Os sons da selva tornam-se mais misteriosos. Desconhecemos a sua razão. Aqui na selva tudo é completamente escuro devido à altura das árvores. Há uma sinfonia com todos estes bichos a orquestrarem o seu espaço.

Terceira vez

O início da experiência foi acompanhado por algumas cores e a formação de uns seres estranhos, mas não assustadores. Formas tipo extra-terrestre, mas não os marcianos que conhecemos. Eram seres com chapéus

finos e bicudos, grandes e com um nariz muito grande. À semelhança dos seres do Senhor dos Anéis.

Durante quase toda a experiência acompanhou-me a imagem de um animal felino: um leopardo ou um jaguar. Via sempre a imagem dele, estava sempre presente, mas a uma dada altura foi de tal forma forte a sua presença que eu comecei a sentir as minhas mãos transformarem-se nas patas de um felino, assim como a minha face a transformar-se num felino. Aconteceu como que um fenómeno de identificação com esse animal. Senti que a minha respiração também se modificou. Parecia mais ofegante. Sentia uma grande energia desse felino. Era como se o seu espírito estivesse ali presente comigo. Fiquei muito grato por sentir essa energia, pois transmitiu-me uma enorme força, uma enorme autoconfiança e autosegurança. Renovou-me a alma, essa força.

Depois tive umas visões sobre o meu futuro, que me transmitiram bastante autoconfiança, para determinados projectos que estou neste momento a iniciar.

Tive uma outra visão sobre uma amiga, com a qual tenho desenvolvido alguma intimidade. Na realidade não a vi, mas tive uma imagem que simbolicamente está associada a ela. Vi um cenário completamente escuro, uma noite cerrada, e ao mesmo tempo imensas cores do tipo fluorescentes: vermelhas, verdes e amarelas. O que percebi foi esse jogo de luzes e de magia no meio de toda a escuridão. E é precisamente assim que eu vejo essa pessoa: mágica, e ao mesmo tempo obscura.

É de salientar que desde o princípio ao fim da experiência esteve presente a força e a energia do tal animal felino.

As mensagens mais importantes que me ficaram desta experiência foram: por um lado, tenho muita força, mas tenho que a saber utilizar num bom sentido; e por outro, sou um ser do mundo, com uma visão do mundo. A minha vivência é a do mundo.

Quarta vez

Mais uma vez, alguns seres tipo “Senhor dos Anéis” me apareceram, embora a sua fisionomia nunca me assuste. Vejo sempre chapéus muito altos e bicudos e narizes muito grandes.

A sensação da presença do jaguar também surgiu outra vez, embora não tão forte quanto na última experiência. Mas é como se soubesse que ele está lá comigo, que a sua força está comigo, ou até mesmo dentro de mim.

No início desta experiência andei a viajar por vários mundos, que me pareciam todos diferentes, com diferentes cores e formas. O tal leque, que me referi à pouco, onde se apresentam uma diversidade imensa de diferentes mundos. Tive a sensação, interiormente, de estar a ver tudo ao contrário. Nada disto me assustava. Até considerava divertido. Ver o mundo ao contrário.

Entretanto tive a primeira mensagem da experiência: tenho vindo a desenvolver, não só com esta experiência, mas com estes dez dias aqui na selva e com a respectiva dieta, uma enorme compaixão por todos os animais da natureza. Animais grandes, pequenos, bichinhos insignificantes, enfim, tudo. Parece que me tornei mais próximo deles. Agora quando ouço os pássaros a chilrear ou outro animal qualquer, há um sentimento de amor e de compaixão que me surge. Difícil de explicar. A sensação é que criei uma maior ligação com a natureza. Estou mais sintonizado com a Mãe-Terra.

Outra mensagem que me surgiu foi o facto de ter ficado um período considerável da experiência a rir-me e, entretanto, surgiu-me que este sorriso terá que ser levado a todas as crianças do mundo. Como se o meu sorriso fosse terapêutico e eu terei então que sorrir a todas as crianças do mundo.

Outra mensagem foi a sensação que nesta experiência houve um grande trabalho em termos corporais, embora apenas tivesse vomitado na primeira experiência. Senti-me muito mais puro fisicamente e também com uma sensação de bem-estar que nunca tinha sentido em relação ao meu corpo. Existiu como que um trabalho de auto-aceitação corporal. Um grande prazer em sentir o meu corpo.

No final das duas últimas experiências, o xamã faz algumas “curas” que consistem em colocar cada uma das pessoas individualmente no meio da

maloca. Começa por agradecer à terra, à natureza, ao Pai, à Mãe, às plantas e pede para que todo o mal nos seja retirado. Entretanto, com um instrumento feito de diversas folhas, sacode-o por todo o nosso corpo e cabeça. Colocamos também as águas floridas nas mãos. O assistente do Xamã acende um mapacho, que é um cigarro com um género de tabaco negro e sopra o fumo para a cabeça, costas, peito, mãos e pés. É uma sensação de enorme leveza sentir o trabalho do xamã.

Quinta vez

Passado algum tempo de ter tomado Ayahuasca começo a ver o mundo com umas imagens em xadrez, sentindo-me “mareado”. O nosso Xamã pergunta se queremos tomar mais um pouco, e inicia os ícaros.

Início esta minha jornada visualizando um mundo cheio de cores, mas este início é sempre o mais intenso e até doloroso. Há uma sensação de que a Ayahuasca nos está a entrar no corpo e neste período há uma sensação de aperto, quase claustrofóbica. É a perda de controlo total. Só tenho que confiar. Nada mais.

Depois esta sensação começa a diminuir e vou tendo um pouco mais de controlo da situação. É a nossa velha necessidade de controlarmos tudo na nossa vida. É uma reaprendizagem, esta de sentirmos que nada controlamos.

Entretanto, vejo uma águia, animal que esteve presente em toda esta experiência. Ou aparecia a sua imagem, ou eu sentia a sua presença, o seu espírito. Foi curioso, pois nesta experiência percebi uma coisa: quando aparece um animal e este se torna de alguma forma presente em toda a experiência, este representa, ou antes, mostra uma determinada faceta do mundo. Neste caso, com a presença da águia, senti-me a maior parte do tempo no céu. Estava num céu azul, límpido, onde tudo era cristalino. Vi o mundo de cima, doutra perspectiva.

A uma dada altura vejo um feixe de luz grande na horizontal. Algo que vinha de cima até ao chão. Senti-me atraído e lembro-me de ter este

pensamento: vou ou não vou? Hesitei, e depois disse, vou, claro que sim. Fui em direcção à luz e algo me sugou para cima. Para meu espanto, depois de me sentir a subir como por um tubo de luz branca, vejo-me num céu negro, onde consegui ver diversas estrelas e planetas. Estava num sistema galáctico. Tudo parecia mágico e completamente real.

Noutra altura, estava deitado e senti que o meu corpo era constituído por imensa água. Lembro-me de pensar: como é possível que eu, por vezes, salte e dance com tanta água assim no corpo.

Outras vezes, parecia ver as coisas de uma forma cristalina, ou estava num mundo onde tudo era cristalino.

E a águia ia aparecendo. Fico a olhar para a sua imagem. Transmitia muito poder e imponência. Uma vez vi-a a voar e convidou-me para voar com ela, e assim ver o mundo. Aceitei. Os meus braços abriram-se e encaixaram-se nas suas asas, e assim voei, vendo o mundo maravilhado, de cima. Paisagens absolutamente incríveis.

Quando me surgia alguma situação que me assustava um pouco mais, eu raciocinava da seguinte forma: não tenhas medo, confia; isto é só uma planta da natureza, da terra; ela vai-te conduzir bem; ela sabe; está a curar-te; confia! E logo de seguida, parecia ver as coisas de uma forma mais clara e apaziguava-me algum do meu receio.

A maior parte do tempo, sentia-me no céu, no ar, a voar. Algumas vezes, umas três ou quatro vezes, essa mesma sensação transformava-se e parecia sentir-me dentro de um oceano. Dentro de água, mas era como se eu próprio também fosse essa água. Algo incrível, mágico. E os ícaros do xamã eram como uma melodia divina. Pareciam sintonizar-se com a essência da alma.

Esta é uma experiência que nos faz aproximar da matriz. Muitas vezes sentia, mesmo nas outras experiências, como se eu estivesse num lençol e uma bola de bowling estivesse no centro e então transformasse esse lençol numa forma elíptica, por vezes cilíndrica. Dá a sensação que estamos num buraco negro, que os físicos falam, e outras vezes passamos para o buraco branco. E grande parte do tempo há como que esta passagem de um

buraco negro para um buraco branco como os túneis de minhoca de John Wheeler. Este último é como que o nosso estado de consciência que só por vezes a imaginação alcança, quase como um sonho, mas muito mais intenso e perceptível à nossa consciência.

Embora eu não seja nenhum especialista em física, considero que os efeitos da Ayahuasca andam muito próximos daquilo que falam os físicos: força gravitacional, anti-gravitacional, electromagnetismo. Parece que a nossa consciência se sente atraída pela luz que vê, pelas imagens, ou pelos universos paralelos que se iluminam perante a nossa consciência. E não só os universos paralelos com uma ordem de grandeza cósmica (macro), mas também do mundo quântico com uma ordem de grandeza sub-atômica (micro).

A consciência parece transformar-se num leque, mas esse mesmo leque é constituído por infinitos universos paralelos. São portas que se entreabrem e nós viajamos sobre cada um desses universos como túneis de minhoca, conexões buraco negro-branco. O buraco negro é o momento em que somos engolidos para dentro por uma força incrivelmente forte, viajando por um mundo inacreditável; o buraco branco é o momento em que somos impelidos para fora, parecendo entrar na consciência de vigília.

É como se eu mergulhasse numa onda quântica sob a qual existiam universos, e dentro de cada universo se encontrasse ligado a muitos outros universos, e assim sucessivamente.

A uma dada altura senti a presença de uma amiga íntima. Como se esta se aproximasse cada vez mais de mim. Até que pareceu entrar completamente dentro de mim. Foi como se ela estivesse lá comigo.

Depois senti uma enorme responsabilidade por quem seria a mãe dos meus filhos. Que teria que ter muita atenção na escolha dessa mulher. Não podia ser uma mulher qualquer, pois a nossa vida é tão rápida que não podemos ter assim filhos com qualquer pessoa. E à medida que tomava consciência dessa responsabilidade sentia que a nossa vida passa muito rapidamente e então subitamente tive a sensação da morte. Como se estivesse a morrer. Com um realismo extraordinário. De repente, ri-me e quando me começo a rir houve como que um renascimento. Como se eu tivesse morrido

e, logo em seguida, renascido. É uma sensação como nunca senti. Sinto até hoje, como se eu tivesse morrido e renascido.

Ayahuasca mama cuna yari

Legitima medicina yari

Cuida arengue cuerpecito yari

Tabaquero curandero yari

Legitimimo medicuini yari

Soplarengue coronita yari

Agua floridita y cura yari

Legitima medicina yari

Soplarengue coronita yari

Bobinsana curandera yari

Legitima maestrira yari

Guia los presentes yari

Ajo sachá curandero yari

Cuida arengue spiri cuini yari

Jesucristo curandero yari

Legitimo maeestito yari

Ilumina los presentes yari

Virgencita ave Maria yari

Legitima madrecita yari

Protege a los presentes yari

Guia guia en su camino yari.

VII

Integração: o desafio

Podemos ter 10 revelações ou mais durante uma vida, mas se agirmos em função de apenas uma delas, transformamos a nossa vida, enquanto se continuar-mos a recebê-las sem nada fazer, não haverá nenhuma transformação. Muitas pessoas estão apenas viciadas no fluxo de consciência, e não transformam a sua vida. O mais próxima que jamais estive da previsão do futuro foi quando estava a criá-lo.

Wilbert Alix, um dos fundadores do movimento Trance Dance e de rituais contemporâneos de xamanismo.

Por vezes criamos mais coisas para integrar. E passamos a funcionar apenas através de experiências avassaladoras, sem viver o dia a dia. A diferença de ritmo entre o mundo do astral e mundo físico torna-se insuportável.

Qual o propósito das visões? O que acontece depois? O mundo real é o verdadeiro desafio. Não estamos adormecidos ou longe da realidade depois do regresso de um retiro de Ayahuasca. Pelo contrário, estamos mais despertos do que nunca, porque os véus levantaram-se todos. “Sei que encontrei uma parte de mim a noite passada. O meu coração bate forte à medida que escrevo estas linhas...”, escreve Alberto Villoldo, autor de *Dance of the Four Winds*. A Ayahuasca é uma ferramenta de diagnóstico e revelação. A cura acontece depois, na vida real. A planta aponta, mostra o caminho.

Já foi dito anteriormente: no passado, ao longo da nossa vida, perdemos pedaços da nossa alma. Num ritual de Ayahuasca recuperamos esses fragmentos perdidos. Podem ser o nosso humor, a nossa inocência, aspectos da personalidade que foram esmagados por força das circunstâncias, em momentos traumáticos. Perdemos um fragmento da nossa alma sempre

que alguém fez uma escolha e nós não fizemos uma escolha: na infância, num relacionamento.

A questão é saber: quem seremos nós depois de nos serem restituídos esses pedaços? Como ficará a nossa identidade quando voltarmos a ser a totalidade da nossa essência? O que fazer quando nos são devolvidas todas as ferramentas com que nascemos e que são nossas por direito? Quem serei eu, quem será o ego, o que fazer com este universo de potencialidades, esta integridade do Ser? “O importante é regressar, é integrar. É a mesma coragem com que vieram que é necessária no pós-Ayahuasca”, refere Don Juan, de Pucallpa.

A sabedoria surge quando pegamos em toda a informação recebida e a usamos para auto-reflectir, para descobrir algo novo sobre nós próprios. Existem actos de poder, de confronto com o Espírito, com a Natureza, com o inconsciente, com a vida. Aventurar-se no desconhecido é um acto de poder. Confrontar o passado é um acto de poder. Aprender a morrer é aprender a viver. “Pode-se passar para o outro lado, embora nos assuste muito. Vamos aceitando essa passagem, do réptil para o pássaro, da terra para o céu. No mundo ocidental, a religião meteu-nos medo, mostrou-nos que tudo é diabólico. Mas não há diabo nem Deus, apenas a natureza. A Ayahuasca ilumina os lugares mais obscuros, encena uma peça de teatro perfeita. Aparecemos todos com o nosso saquinho de dramas e pouco a pouco os revelamos. Quando o fazemos em grupo, repartimos essa carga por todos”, diz Don Juan.

No dia a dia, o cérebro (que controla a nossa consciência, limitando-a a uma fracção daquilo que a mente experiencia a qualquer momento) pode ser programado para aceder ao inconsciente. É uma programação pela experiência. Alguns chamarão a isso uma ligação com o nosso guia interior, outros uma ligação ao Universo. Mas o objectivo é integrar no mundo real o que se trouxe dessa permanência num espaço de infinitas possibilidades.

“ Transformar rupturas ou esgotamentos em pontos de viragem é a verdadeira função de um mestre. O psicoterapeuta apenas tenta coser os remendos. É a sua função. Ele não está ali para curar-nos. É preciso uma meta-psicologia, a psicologia dos budas. A maior aventura da vida é passar

por um esgotamento de forma consciente. É o maior risco, porque não há garantia que o esgotamento se transforme em viragem. Vai acontecer, mas essas coisas não são garantidas. O caos da maior parte de nós é muito antigo – vem de muitas vidas. É espesso e denso. Representa quase um universo, por si só. Por isso, quando entramos nele com a nossa capacidade limitada, é óbvio que existe um perigo. Mas sem enfrentar este perigo, ninguém pode ficar integrado, ninguém pode tornar-se um indivíduo, indiviso. O zen, ou meditação, são métodos para ajudá-lo a atravessar o caos, a noite escura da alma, de forma equilibrada, disciplinada, alerta. A madrugada não está longe, mas antes de poder alcançá-la, é preciso atravessar a noite escura. E à medida que se aproxima a madrugada, a noite vai tornar-se mais escura”, diz Osho, em *Walking in Zen, Sitting in Zen*.

Psicotrópicos como o cacto São Pedro e a Ayahuasca são atalhos para aceder a esses centros de consciência, criar caminhos que podem depois ser seguidos num estado acordado normal. Não se toma a planta para fazer uma viagem, mas sim para trazer dessa viagem ensinamentos para transformar a nossa vida. A existência no cérebro de receptores bioquímicos para mescalinas, harmalinas e harmolaminas, os complexos psicoactivos destes chás de plantas, permite deduzir que o cérebro é capaz de produzir estes químicos naturalmente depois de ter sido programado para isso.

Se toda a informação nos fosse revelada de uma só vez, a experiência seria avassaladora, insuportável. Poderia até precipitar-nos na loucura. Por isso, a integração é uma forma de deixar vir a informação gradualmente, à medida que o nosso cérebro pode processá-la.

Para Wilbert Alix, do Trance Dance, reduzimos o significado de uma revelação quando precisamos de entendê-la imediatamente, porque a reduzimos a uma dimensão que encaixa no cérebro. Procuramos significados, e quando estamos demasiado próximos do momento em que a experiência acontece, esse significado vai corresponder ao ponto de vista do ego. Mas não é por aí que a mensagem está a tentar chegar. “Porque precisa de uma resposta rápida? Estamos habituados a uma gratificação imediata, devido ao ambiente competitivo em que vivemos. Não valorizamos a ignorância. Temos necessidade de criar a sensação de que sabemos, mesmo quando não sabemos. Se eu tivesse de reduzir a espiritualidade a uma declaração, seria: a

assimilação do paradoxo”, afirma. Vivemos num mundo de paradoxo, e lutamos com as dicotomias do sim e do não. Mas há uma porta para a espiritualidade, com um cartaz que diz: “Eu não sei”. “É preciso entrar no Eu Não Sei. Não é o que sabemos que abre portas. Se analisamos, matamos a experiência. O melhor é não fazer nada. E nada não é nada, é algo a que chamamos nada. O vácuo é criado nesse vazio”, acrescenta.

Dennis McKenna é uma das principais figuras no estudo de comunidades psicadélicas e científicas que estudam plantas enteógenas e medicinas indígenas. Esteve envolvido no Hoasca Project, um estudo da utilização de Ayahuasca pela igreja União do Vegetal. Com o seu irmão Terence, escreveu o livro *The Invisible Landscape*, um somatório de intuições oriundas de experiências psicadélicas sobre a natureza da realidade e do espaço, na “Experiência La Cholerra” em 1971. “Penso que o que distingue a Ayahuasca de outras substâncias é que estas não têm um contexto. É o que acontece também com a cultura Rave. Precisamos de redescobrir o sagrado, e não outras substâncias”, escreve em entrevista à Undergrowth. O carácter sagrado e o contexto permitem a integração depois da experiência.

Daniel Pinchbeck, outra das vozes da contra-cultura psicadélica actual, escreve sobre uma religião e espiritualidade alternativas num livro de 2003 muito citado, *Breaking Open the Head*, sobre xamanismo contemporâneo. A sua hipótese pessoal é a de que a nossa consciência está a co-criar a realidade, por isso devemos ter cuidado com o tipo de pensamentos que deixamos passar: “praticar uma ecologia interna ao nível dos pensamentos”, salienta. Agora queimámos os nossos recursos, lembra, arruinámos o clima e tornámos um mundo verde numa panela de pressão enfeitada com ogivas nucleares. “Quem o fez? Fomos nós, são projecções da nossa sombra, do nosso inconsciente, e precisamos atingir um nível mais profundo de consciência, integrando a nossa sombra em vez de projectá-la, para resolver os problemas”.

O já citado Darpan regozija-se com a abertura dos homens à planta. Sempre que viaja, alguém ouviu falar de Ayahuasca, quando há 20 anos ela era desconhecida. “Penso que a psique ocidental tem o desejo de curar-se e reconectar-se com Gaia, com a Natureza, de quem se separou. A sua popularidade não resulta de xamãs ou igrejas, penso que são as próprias

plantas que estão a chamar-nos. É como um regresso ao jardim do Éden”, refere. Posto isto, o trabalho está nas mãos da humanidade.

Tomar Ayahuasca não significa iluminação imediata. Mostra-nos apenas onde o trabalho deve ser feito. Se não estivermos preparados para trabalhar com ela, poderá parar de manifestar-se como professora. “Por exemplo, se lhe der indicações claras sobre como lidar com um problema na vida e escolher ignorá-lo, perderá o interesse. O aluno não está interessado, para quê incomodar-se? Ainda poderá ver cores bonitas, mas nunca irá para além disso até mudar a sua atitude e prestar atenção. E quando seguir as suas instruções, isso significará enfrentar-se a si próprio em níveis nem sempre confortáveis. Mas se a abordar com respeito e uma atitude sincera, recompensá-lo-á com boas visões e revelações profundas”, diz Darpan.

O caminho é apontado. O chá é uma ferramenta multidimensional, uma porta, uma presença. Há um relacionamento, tão real e dinâmico quanto outro qualquer, e a redenção parte do aluno, para si e para os outros.

Um jornalista da Undergrowth conta no seu diário de viagem: “Depois de tomar a bebida, encontrei os espíritos de todos os animais falecidos que matei, todos os peixes que comi, e todos vieram pedir-me retribuição ou paz. E pensei que todos tinham esta experiência, mas nunca encontrei um xamã vegetariano. Nem um. E depois disso deixei de assumir a universalidade da experiência, e nunca voltei a dizer que a humanidade teria os seus problemas resolvidos se tomasse toda Ayahuasca...”. Na verdade, o que pode ajudar o mundo é ter pessoas focadas no seu próprio espírito. É a consciência de cultivar e integrar o espírito numa perspectiva mais alargada, diria Darpan.

Tudo tem a ver consigo. Como se pode tentar resolver os problemas do planeta quando não se começa pela sua própria vida? “E à medida que surgem problemas com parceiros, filhos, amigos, já está. Isso é o mundo! E se não podemos ter paz ali não pode haver paz no resto do mundo. Isso começa já aqui, e a Ayahuasca pode ser usada como muleta ou desculpa, como qualquer outra modalidade, da meditação ao Yoga ou zen”, frisa Darpan. Para ele, os benefícios retirados da Madre dependem da intenção e sinceridade, elementos tão poderosos quanto a própria bebida. “Numa cerimónia, embarcamos no barco juntos, e a intenção é o leme e o chá é o

vento nas velas...”, explica.

Quando queremos construir uma casa, precisamos de imaginá-la nos mais ínfimos pormenores, fazer planos, e depois de todos os requisitos preenchidos, ela manifesta-se. Nos reinos do astral, o que se sente e imagina é reflectido imediatamente. Esta noção é essencial para perceber que, mesmo na matéria densa, os pensamentos manifestam-se, embora levem mais tempo. É uma questão de ressonância. Na integração haverá os mesmos medos: demónios no astral, sensações desagradáveis no “real”. Quem conseguir manter-se no centro, observar (como observou sob os efeitos da Ayahuasca) sensações e libertá-las, sem resistência, rapidamente treinará as suas capacidades para alterar polaridades, e transformar o que lhe parece mau no seu oposto.

A grande aprendizagem é ser uma testemunha, sabendo que co-cria tudo o que vê, e tudo é uma extrapolação da consciência de que não somos separados. A bebida retira os véus, e vemos aquilo que é. Não um mundo imaginário. Isso é tangível nos testemunhos diversos das pessoas que os partilharam neste livro, com backgrounds diferentes e motivações totalmente distintas. Com esta atitude fica-se a perceber que nada nos pode prejudicar. Tudo é consciência: os anjos, os demónios, os reinos celestiais e infernais. A vida, e o mistério que representa e devemos viver, deve ser enfrentada com um coração puro, mesmo que exista medo. Isso significa que nos tornamos no derradeiro observador e o medo deixa de guiar-nos. Por outras palavras, é isso a confiança – tanto na Ayahuasca como na sua integração na vida banal.

Experiência: Carina Gago, Pucallpa

"Gracias Padre, gracias Madre, gracias, gracias....." – palavras que ficaram dentro de mim, que fazem parte de mim após a linda experiência com "La madre de todas las plantas, AYAHUASCA".

Ela agarrou-me bruscamente e levou-me para dentro. Dentro dela, dentro de mim, dentro do todo... É o que faz com todos nós. A sua cura é poderosa e assustadora pois derruba todo o ego, tudo aquilo que não faz parte da essência que é o que na realidade sou e somos.

A minha história e o meu processo nestes dias de retiro:

Decidi ficar a nu, deixar os hábitos diários para trás, entregar-me e confiar na cura da planta. Fui sem saber o que iria encontrar e o que encontrei foi o melhor que jamais imaginaria, a MIM.

Não tinha qualquer experiência com plantas, nem fazia ideia do que elas poderiam provocar.

A primeira cerimónia foi intensa como qualquer outra e, como qualquer outra, especial à sua maneira. Não irei descrever cerimónia após cerimónia (pois daria um extenso livro), mas resumirei todas elas numa só.

A planta provocou-me um descontrolo lúcido onde a consciência estava sempre presente. A mente a tentar ficar mas a desaparecer e assim os padrões com ela (o ego).

Sentir cada segundo passar, sensação boa mas estranha pois viver o agora era novidade.

Sentir cansaço ao entender que para chegar a um pensamento passamos por tantos outros e tudo isso por causa dos padrões que adquirimos

ao longo da vida. A cabeça a arder, os papelinhos a abrirem e tudo aquilo que a mente construiu a ser entendido e a desaparecer. Cada chacra em cada cerimónia diferente ardia profundamente.

Sensação de fusão do meu ser com todos os seres. Com os animais, com as plantas, com a água, com o ar, com o fogo... Sentir-me UNA.

O corpo a ser curado, cada célula, cada órgão, membro, muita muita purgação e febre.

Horas e horas em processo de cura (o máximo chegou a ser 18horas).

A consciência de todo o processo de cura, a consciência de ser, fez-me sentir a loucura de perto por duas vezes. Sendo a primeira para dentro, subtil e silenciosa, mas a segunda foi o oposto, exterior, louca e agonizante. Sim, assusta e muito. Durante cada cerimónia ocorria-me sempre: "o que fazes aqui? na próxima não volto". Mas na verdade assim que despertava após cada cerimónia já me sentia preparada para a próxima.

A cura estava a acontecer e eu GRATA !!!!!!!!!!!!!!!

A medicina mais poderosa , aquela que nos cura por inteiro, aquela que nos leva até nós, até a nossa essência....

Gracias , gracias padre, gracias madre, gracias, gracias...

Vuela vuela sui sui

Vuela vuela sui sui

Vuela vuela manchaco

Vuela vuela manchaco

Vuela Vuela Tuchi

Vuela Vuela Tuchi

Vuela Vuela Palomitai

Vuela vuela Palomitai

Conclusão

O que é que correu mal? O que é que correu bem? Qual é o melhor ângulo de discernimento? Quais são os elos de ligação entre os pontos altos e baixos – quem decide, afinal? Quem dorme com quem nesta imensidão cósmica? Pode-se recuperar um passado negado?

Numa ilusão fugaz de segurança, por baixo do mosquiteiro, procuro em vão alguma paz de espírito. Com as velas acesas lá fora, os aviões da selva não me dão descanso com os seus voos planados e mergulhos suicidas de kamikaze para as chamas, sejam eles morcegos ou insectos de maiores dimensões – não me atrevo a levantar o pano, conservo apenas esta imagem fantasmagórica de vultos alados a bater ocasionalmente nas paredes do mosquiteiro. Mesmo cá dentro, com a lanterna, esvoaçam insectos não identificados, enquanto leio e escrevo. Já não me importo muito. Quando apagar a luz, deixam de me importunar, limitam-se apenas a sugar-me o sangue. O que me incomoda mesmo é esvoaçarem-me no rosto, entrarem nos olhos e no nariz em voo picado.

Aqui estou nua como todos. Não tenho paredes na minha cabana, apenas este véu que é o mosquiteiro em torno do meu colchão. E posso dizer que até esse frágil véu se levantou. Nua está também a minha alma, entregue às forças da natureza. Finalmente aprendi a ouvi-la, ao longo dos dias, e descortinar a sua sabedoria antiga, primitiva e acre, como se estivesse no limiar da civilização. É nesse limiar de uma nova humanidade que nos encontramos, com o maior número de ferramentas possível, antes que seja tarde, antes que o planeta nos engula ou nos ejecte do seu território, como um mosquito chato que anda a picá-lo e a esvoaçar nas suas barbas há tempo demais.

Enquanto escrevo pela noite adentro, o meu amigo Kalid toca flauta, também pela noite adentro, uma música melancólica que reconheço pelo que é: o grito de um coração de criança, tão longínquo no passado como

o é presente para a Ayahuasca, cruzamento entre dois mundos, sem tempo nem espaço.

As viagens não são mais do que percursos, caminhos, sem destino certo. O caminho da alma é uma dessas viagens, sob o olhar atento de uma mãe madrastra, pronta para dar colo e castigar simultaneamente, no mesmo instante – se for possível. Mais do que deslocar-me para outro ponto de mim própria, como permitem tantas meditações e workshops do mercado espiritual disponíveis (todos válidos, mas demasiado demorados e sinuosos na pretensão de fornecer um novo ponto de vista sobre o ser), preferi mergulhar na realidade que existe entre dois pontos. Não cheguei a lado nenhum: segui um percurso e percebi o que ligava o dia da chegada ao dia da partida, conheci quem habita este percurso, enfim, viajei no autocarro dos pobres no caminho da alma, aquele que promete as vistas mais interessantes. Mais do que uma aprendizagem, foi uma experiência vivida – a que nunca se esquece e fica impressa nas nossas células.

Trago as marcas desse percurso: uma pele sem rugas, órgãos afinados, corpo rejuvenescido e espírito no zénite. Estou pronta para mudar a humanidade que me diz respeito, a minha descendência, familiares, amigos e público em geral a quem chegarem estas linhas.

Perceber o que existe entre dois pontos é mais importante do que chegar. Tenho viajado por muitas técnicas de desenvolvimento espiritual, da meditação tradicional ao yoga, passando por Osho e pelo alívio e fitness emocional que proporciona, a programas baseados na alimentação para alterar a vibração do ser e elevá-lo. Experimentei viver só de sumos, dançar até cair de exaustão, fazer uma sauna mística em que se entra por um buraco na terra e se aguenta o maior tempo possível com pedras incandescentes regadas de água sagrada, com encantações que assustariam os mais corajosos, na escuridão. Saltei como um macaco na meditação dinâmica, entreguei-me ao zen em plena sala de jantar, com comida, brinquedos e gritos a voarem por cima da minha cabeça. Passei pela cura quântica, astrologia, numerologia e aura soma. Se tivesse de definir a minha ferramenta espiritual de auto-conhecimento, não escolheria a técnica mais rápida, mais barata, mais cómoda, acessível, antiga ou em função de um destino prometido. O segredo está na que permite contemplar a alma mais profundamente, a que deixa uma

marca porque foi associada a uma experiência. E essa nunca esquecemos, porque foi vivida. Qual a técnica que melhor me permite contemplar o meu caminho? A Ayahuasca é uma dessas auto-estradas para a alma.

Resta um conselho, sem ser arrogante: observem o caminho, permitir-lhe-á ficar no momento presente. Observem cada pedra com gratidão, sintam o êxtase e o poder da vossa presença neste percurso. Não há nada para aprender, apenas experiências para viver.

Se conseguir sentir que é o único ponto vivo do Universo numa noite estrelada, valeu a pena mergulhar no espelho vertiginoso da alma que é o nosso planeta, que em tudo nos reflecte, nas forças como nas fraquezas.

A Ayahuasca não é para todos. Não é uma brincadeira. Se a poção mágica, La Madre, não for para si, poderá mesmo assim ser uma inspiração para descobrir o melhor caminho de volta a si (o lugar de onde parte toda a realidade, onde foram criadas todas as realidades) e reencontrará a sua qualidade de ser humano.

O poder da transformação perdura por séculos e séculos, do passado ao futuro. A viagem é pessoal, mas o caminho diz respeito a todos nós. Neste mergulho na selva, descobre-se como a natureza espelha a alma. A selva não é silenciosa (longe disso) nem completamente escura. De noite, jogos de sombra dançam sobre as paredes pálidas do mosquiteiro, tecido fino, véu ténue que nos separa ao mesmo tempo da ilusão e da sombra de nós próprios. Essas sombras ganham rapidamente um aspecto fantasmagórico, porque apenas se vislumbram luazes por entre folhas de árvores gigantes, em constante movimento. Animais gritam, há mergulhos na quebrada, objectos que caem no telhado ondulado do tambo, pássaros ou insectos. As tábuas rangem como se fossem pisadas – e talvez o sejam, porque eu nunca averigui. Chove, por vezes, o que incendeia ainda mais o coro da fauna e da flora, ou talvez sejam apenas as grandes árvores a largar, num suspiro, a água da noite retida nas folhas.

A selva, em vez de dormir, arranha, torce ramos, rasga, borbulha. Há em especial um ruído de castanholas que gostaria de identificar. Um mariachi insano que está a noite inteira a sacudir maracas. Talvez seja uma combinação do ruído de vários insectos, mas desloca-se para aqui e para ali,

numa festa infernal. Se fosse uma serpente com sinos, não ficaria admirada, mas então seria uma cobra bailarina, a exhibir-se toda a noite – não acredito que caçasse alguma coisa com este des pudor.

O amanhecer cede o lugar à água que corre, incansável, na quebrada. O sol é o sinal para o descanso de algumas das espécies mais mortíferas. Cobras e tarântulas retiram-se. A alma precisa também de ser surpreendida nos seus anseios. Como diz a letra de uma música, somos convidados neste planeta, e dão-nos a oportunidade de vivermos o mais totalmente possível. E se é preciso sermos em absoluto, porque não sermos tudo aquilo que podemos ser?

Bibliografia

Livros

Cesar Calvo. *The Three Halves of the Ino-Moxo*. Inner Traditions, 1995.

Alberto Villoldo, Erik Jendresen. *Dance of the Four Winds*. Destiny Books, 1994

Terence McKenna, Dennis McKenna. *Invisible Landscape: Mind, Hallucinogens and the I Ching*. HarperOne, 1994.

Ralph Metzner. *Sacred Vine of Spirits*. Park Street Press, 2005.

Benny Shanon. *The Antipodes of the Mind: Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. Oxford University Press, 2003.

F. Bruce Lamb. *Wizard of the Upper Amazon. The Story of Manuel Córdova-Rios*. North Atlantic Books, 1986.

J.J Garcia Piñeiro . *En busca de las plantas sagradas*. Gaia Ediciones, 1994.

Daniel Pinchbeck. *Breaking Open the Head: A Psychedelic Journey into the Heart of Contemporary Shamanism*. Broadway, 2003.

Jaya Bear. *The Life story of Ayahuasquero & Shaman Don Augustin Rivas*. Libros Colibri, 2000.

Lúcio Mortimer. *Nosso senhor Aparecido na Floresta*. Céu de Maria, 2001.

Alex Polari de Alverga. *Forest of Visions*. Park Street Press, 1999.

Joan Parisi Wilcox. *Ayahuasca, the Visionary & Healing Powers of the Vine of the Soul*. Park Street Press, 2003.

Howard G. Charing, Ross Heaven. *Plant Spirit Shamanism*. Destiny books, 2006.

Internet

Kestembetsa, Don Guilherme: www.espiritudeanaconda.com

Ayahuasca-Wasi (artigos sobre experiências científicas com a bebida):
<http://www.ayahuasca-wasi.com/english/articles.html>

Norma Panduro: www.estrellaayahuasca.com

Undergrowth, revista online psicadélica: <http://undergrowth.org>

Pablo Amaringo: www.pabloamaringo.com

Jan Kounen: www.jankounen.com

Filmes

"Autres Mondes/ Other Worlds", Jan Kounen